

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

XXV COLÓQUIO DA LUSOFONIA – MONTALEGRE

21-25 ABRIL 2015



PROGRAMA

Sinopses e biodados

**ORADORES, POETAS, MÚSICOS, AUTORES E COMPOSITORES,
ASSISTENTES PRESENCIAIS**

ISBN 978-989-8607-07-2



9 789898 607072

25º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

MONTALEGRE
21 A 25 DE ABRIL 2016

- AUTORES E TEMAS LOCAIS
- LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA
- AÇORIANIDADES (TEMAS PERMANENTES)
- TRADUTOLOGIA

Montalegre acomuscu utad sata
Governo dos Açores FORIS cultura COMUNIDADES
CERTIFICADO PELA NATUREZA AÇORES COLÓQUIOS DA LUSOFONIA Academia Galega da Língua Portuguesa

ISBN: 978-989-8607-07-2



Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

0. ÍNDICE DE ACESSO RÁPIDO AO DOCUMENTO

1. [HISTORIAL DA AICL](#)
2. [COMISSÕES 25º COLÓQUIO](#)
3. [TEMAS DO 25º COLÓQUIO](#)
4. [Mostra livros AICL/Calendário De Letras](#)
5. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)
6. [HORÁRIOS](#)
7. [SESSÕES CULTURAIS](#)
8. [ORADORES, PRESENCIAIS, BIODADOS E SINOPSES DE ARTIGOS](#)
 - 8.1. [ADELA FIGUEROA PANISSE](#)
 - 8.2. [ALEXANDRE BANHOS](#)
 - 8.3. [ALEXANDRE LUÍS](#)
 - 8.4. [ANA CASTRO SALGADO](#)
 - 8.5. [ANA PAULA ANDRADE](#)
 - 8.6. [ANA RIBEIRO](#)
 - 8.7. [ANABELA NAIA SARDO](#)
 - 8.8. [ÂNGELO CRISTÓVÃO](#)
 - 8.9. [ANTÓNIO ANDINA](#)
 - 8.10. [ANTÓNIO CALLIXTO](#)
 - 8.11. [ARTUR ALONSO NOVELHE](#)
 - 8.12. [AUROBINDO XAVIER](#)
 - 8.13. [BONIFÁCIO BELO](#)
 - 8.14. [BRITES ARAÚJO](#)
 - 8.15. [CAIO CHRISTIANO](#)
 - 8.16. [CARLA SOFIA LUÍS](#)
 - 8.17. [CARLOS MATIAS](#)
 - 8.18. [CAROLINA CONSTÂNCIA](#)
 - 8.19. [CAROLINA CORDEIRO](#)
 - 8.20. [CHRYL CHRYSTELLO](#)
 - 8.21. [CONCEIÇÃO CASTELEIRO](#)
 - 8.22. [CONCHA ROUSIA](#)
 - 8.23. [DANIELA E. M FONSECA](#)
 - 8.24. [EMBAIXADOR EUGÉNIO ANACORETA-CORREIA](#)
 - 8.25. [EVANILDO C BECHARA](#)
 - 8.26. [FÁTIMA MADRUGA](#)
 - 8.27. [FERNANDO A. TORRES MOREIRA](#)
 - 8.28. [FRANCISCO MADRUGA](#)
 - 8.29. [GONÇALO FERNANDES](#)
 - 8.30. [HELENA CHRYSTELLO](#)
 - 8.31. [HELENA GIL COUTINHO](#)
 - 8.32. [INÉIA DAMASCENO ABREU](#)
 - 8.33. [ISAAC ESTRAVIZ](#)
 - 8.34. [ISABEL Mª FERNANDES ALVES](#)
 - 8.35. [JOÃO CARLOS LOEBENS](#)
 - 8.36. [JOÃO MALACA CASTELEIRO](#)
 - 8.37. [JOÃO MARTA](#)
 - 8.38. [JOSÉ ANTÓNIO BARBOSA](#)
 - 8.39. [JOSÉ ANTÓNIO CABRITA](#)

- 8.40. [JOSÉ BARBOSA MACHADO](#)
- 8.41. [JOSÉ DIAS BAPTISTA](#)
- 8.42. [JOSÉ PAZ RODRIGUES](#)
- 8.43. [JOSÉ SOARES](#)
- 8.44. [JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS](#)
- 8.45. [LAURA AREIAS](#)
- 8.46. [LUCIANO PEREIRA](#)
- 8.47. [LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO](#)
- 8.48. [MAITÊ CARAMÊS](#)
- 8.49. [MANUEL JOSÉ SILVA](#)
- 8.50. [MANUEL MARTINS FREITAS](#)
- 8.51. [MARIA ALICE DE SÁ](#)
- 8.52. [MARIA DA ASSUNÇÃO ANES MORAIS](#)
- 8.53. [MARIA DE LOURDES CRISPIM](#)
- 8.54. [MARIA DE LOURDES MATIAS](#)
- 8.55. [MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO](#)
- 8.56. [MARIA DO SOCORRO PESSOA](#)
- 8.57. [MARIA EDUARDA BARBOSA](#)
- 8.58. [MARIA EUGÉNIA GUIMARÃES](#)
- 8.59. [MARIA FRANCISCA XAVIER](#)
- 8.60. [MARIA HELENA ANACLETO-MATIAS](#)
- 8.61. [MARIA HELENA ANÇÃ](#)
- 8.62. [MARIA HERCÍLIA AGAREZ](#)
- 8.63. [MARIA JOSÉ dos Santos CUNHA](#)
- 8.64. [MARIA LUÍSA TIMÓTEO](#)
- 8.65. [MARIA MANUELA RIBEIRA CASCUDO](#)
- 8.66. [MARLIT BECHARA](#)
- 8.67. [MONS. D. CARLOS F XIMENES BELO](#)
- 8.68. [NORBERTO ÁVILA](#)
- 8.69. [ORQUÍDEA RIBEIRO](#)
- 8.70. [PEDRO PAULO CÂMARA](#)
- 8.71. [RAUL LEAL GAIÃO](#)
- 8.72. [ROLF KEMMLER](#)
- 8.73. [TIAGO ANACLETO-MATIAS](#)
- 8.74. [VÂNIA REGO](#)
- 8.75. [ALUNOS DA ESCOLA DE MÚSICA TRADICIONAL DE LAROUCO](#)
- 8.76. [GRUPO DE TEATRO \(TAP\) DA UTAD](#)
- 8.77. [GRUPO TERRA MORENA \(GALIZA\)](#)
- 8.78. [RANCHO DA VENDA NOVA](#)
- 8.79. [GRUPO FILARMONIA](#)

1. HISTORIAL DA AICL E DOS 24 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE
(ATUALIZADO EM 24/06/2021)

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

sociedade civil num projeto de LUSOFONIA sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental (Porto, Bragança, Seia, Fundão e Montalegre), Açores (Ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros locais: Belmonte (Portugal), Itália, Goa (Índia), Santiago de Compostela (Galiza), Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França, Ilha de Santa Maria e outros países e Ilhas açorianas.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, **“I had a dream...”** para explicar como já realizámos vinte e quatro Colóquios da Lusofonia.

Criados em 2001, passamos a Associação Cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e, cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

EM 2015 FOMOS CONFIRMADOS COMO ENTIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA PELO Governo Regional dos Açores:

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Despacho n.º 2653/2015 de 9 de Dezembro de 2015

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL) é uma associação cultural sem fins lucrativos, com sede na Rua da Igreja, 6, freguesia de Lomba da Maia, concelho de Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, e foi fundada em 5 de dezembro de 2010;

A associação em apreço, desenvolve a sua atividade no âmbito da intervenção cultural e cívica, visando mobilizar e representar a sociedade civil, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a Língua Portuguesa;

A AICL tem por objeto promover a investigação científica conducente ao reforço dos laços entre os lusos falantes no plano linguístico, cultural, social, económico e político, na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e de todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade;

Para a consecução destes objetivos a AICL compromete-se, designadamente a promover encontros científicos anuais, desenvolver estudos universitários para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, promover cursos e bolsas de estudo na área das Ciências da Cultura, desenvolver uma página na Internet dedicada aos estudos e atividades dos Colóquios da Lusofonia, fomentar a divulgação das obras de autores em língua portuguesa através de reedições e traduções, criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação;

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), constitui um instrumento institucional para a promoção de fins de interesse geral, na acção prevista no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro;

Considerando que a entidade em causa tem cooperado com a Administração Pública Regional, e tem atuado com a consciência da sua Utilidade Pública, demonstrando que se dedica ao bem-estar da comunidade em geral;

Obtidos os pareceres favoráveis da Vice-Presidência do Governo e da Secretaria Regional da Educação e Cultura, e tendo em conta que a AICL se enquadra no disposto no n.º 1 do artigo 1.º, no artigo 2.º e no n.º 2 do artigo 4.º, todos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro;

Assim, ao abrigo do disposto no artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro, e do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 52/80, de 26 de março, conjugados com o n.º 4 do artigo 5.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 12/2014/A, de 24 de julho, determino o seguinte:

1 - Declarar de utilidade pública a Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), com sede na Rua da Igreja, 6, freguesia de Lomba da Maia, concelho de Ribeira Grande, ilha de São Miguel.

2 - O presente despacho produz efeitos no dia seguinte ao da sua publicação.

3 de dezembro de 2015. - O Presidente do Governo Regional, Vasco Ilídio Alves Cordeiro.

Os Colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado - a - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Aliás, desde a primeira edição abolimos os axíónimos, ou títulos apensos aos nomes esse sistema português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos realizado o 21º Colóquio numa praia...

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de LUSOFONIA como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa LUSOFONIA que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

Pretende-se repensar a LUSOFONIA, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos mídias nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.

Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.

A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora.

Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês.

De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem.

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que*

linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.

Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a LUSOFONIA como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002

...patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas - Anais em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] disse-se

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais.

Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão.

Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzento e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.

Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se

Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Este Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarismo duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Em 2004, lançamos

A campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas. No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevi

“O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas” e é tanto mais plausível porque “o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili”, afirma Hull. “A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender” a língua portuguesa”.

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o Tétum e vários dialetos. O objetivo destas iniciativas é “aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades”.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que “foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Dili, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

“O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum”.

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar

“De momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”. Por isso “não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado e a crescer nos restantes países”.

Em 2006, no 6º Colóquio

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios.

Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua

presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alondrar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os Colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes Colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes Colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do Colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a LUSOFONIA poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação.

Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a LUSOFONIA e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 Colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

Em 2007, no 8º Colóquio buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate:

“O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... A própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer. Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se

de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da LUSOFONIA de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a LUSOFONIA continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo. Cremos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a LUSOFONIA que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década e meia tivemos Colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base (2003 a 2010), Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (em 2013 e 2014), Fundão (2015) e nos

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa que foi base entre 2008 e 2012, Vila do Porto (2011), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso (2014) e, na Ilha Graciosa em 2015. Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias.

Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os Colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

Em 2007 no 8º Colóquio

Atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Em 2008 no 10º Colóquio

Inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa.

O Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Professor **Adriano Moreira**, deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”.

Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores). A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em 2009 nos 11º e 12º,

Definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro.

Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcelos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro.

Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

Em janeiro de 2010

Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de Cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar em linha - *online* - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010,

O 13º Colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na Conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, essa décima Ilha açoriana que é Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

Em 2010, Bragança, no 14º Colóquio,

Na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhanos, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º Colóquios, já colocada em 2012, no nosso portal, mas disponível apenas para os associados.

Em 2011, no 15º Colóquio,

Uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello.

Nesse ano de 2011, no 16º Colóquio,

Fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar a **Antologia Bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) - do seio das comunidades lusófonas.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º Colóquio na Lagoa,

Reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João);

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º Colóquio,

Levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da LUSOFONIA que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

Na Lagoa e na Galiza (2012)

Difundimos o *MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico*, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal.

Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos Colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em Poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**.

Na Maia (2013) no 19º Colóquio,

Lançaram-se vários novos projetos, a Antologia no feminino (9 Ilhas 9 escritoras), um cancionero, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP.

Em Seia (2013) no 20º Colóquio,

Criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos Colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º Colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello.

Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD.

Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos.

Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º Colóquio

Teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos, Porto Formoso.

Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º Colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Lançamos no 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

Em 2014, no 22º Colóquio em Seia,

Tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser.

Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos e dançarinas de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

Fundão 2015

Anunciaram-se inovações interativas para o preenchimento das fichas de inscrição e a preparação de pequeno volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

24º Graciosa 2015 conclusões

- Aceitar a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo - nos termos do artigo 10, nº 3 do Regulamento Interno da AICL, que complementa os Estatutos Oficiais - como SÓCIO HONORÁRIO com efeitos imediatos a partir deste 24º Colóquio.
- Iremos dar seguimento a vários projetos de cooperação informais com o IILP que aqui se fez representar pela sua Diretora Executiva Marisa Mendonça.
- Iremos fazer uma proposta à Academia Caboverdiana de Letras (ACL) para aderir à AICL
- Estudar e tentar viabilizar propostas de realização de próximos Colóquios em Goa (associado José Paz), no Grão-Ducado do Luxemburgo

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

(associado António Callixto) e em Santiago de Compostela (associado Alexandre Banhos com Fundação Meendinho)

- Regressar com os Colóquios à Graciosa, o mais tardar, até 2018, dado ter-se tratado de um excepcional Colóquio com enorme participação local.
- Aceitar a proposta do associado José Soares de obter apoios para a publicação de um livro já completado por Dom Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente
- Propor ao Governo Regional a concessão de apoio específico para a publicação das restantes obras de Dom Ximenes Belo sobre os demais missionários açorianos no Oriente
- Reformular de imediato o Prémio AICL Açorianidades para contemplar a reimpressão do autor homenageado nesse ano, em vez de buscar novos autores, depois os objetivos do Prémio terem falhado nestas suas primeiras edições
- Aceitar a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperamos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa.

Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma?

Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado?

Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, Professor Visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística.

Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a

fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais.

O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre.

Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo.

Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos.

Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios... A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

Solução:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas. Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

" O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

Leia o nosso MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO <https://www.lusofonias.net/aicl/aicl-manifesto-2012.html>

2. COMISSÕES 25º COLÓQUIO

COMISSÃO EXECUTIVA DO 25º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

VOGAIS:

Presidente da Câmara Municipal Prof. Manuel Orlando Fernandes Alves

Vice-Presidente da Câmara Municipal, Dr. David José Varela Teixeira

Padre (António Lourenço) Fontes

Professor José Dias Baptista

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

1. João Costa Simões Chrystello, ENTA – INOVA (Escola de Novas Tecnologias dos Açores) - Instituto de Inovação Tecnológica dos Açores), Ponta Delgada

2. Joana Abreu, Eventos Montalegre

3. Gorete Carneiro (EcoMuseu de Barroso - coordenação local do evento)

3. Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL- outubro 2015- outubro 2017

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal

2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil

3. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal

4. Professora Doutora Anabela Naia Sardo, Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

5. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro

6. Professor Doutor Rolf Kemmler, UTAD

7. Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, AGLP, Galiza

8. Dr Norberto Ávila, dramaturgo, Lisboa, Portugal

9. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL

10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL,

3. TEMAS 25º COLÓQUIO

TEMA 1 AUTORES E TEMAS LOCAIS

1.1. AUTORES LOCAIS E OBRAS

1.2. FALARES DO BARROSO

1.3. DA HISTÓRIA DO POVOAMENTO AOS NOSSOS DIAS, DA MÚSICA À GASTRONOMIA, UMA IDENTIDADE BARROSENSE

1.4. BARROSO E AS SUAS SUPERSTIÇÕES

1.5. O ECOMUSEU DO BARROSO, DEZ ANOS DEPOIS

1.5. TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA *

1.6. ESCRITORES E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA (BENTO DA CRUZ ENTRE OUTROS)

1.7. BOTICAS E A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. Língua Portuguesa no mundo

2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos

2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação. A língua e a Galiza

2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço

2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas

2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.

2.6. Política da Língua

2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências

2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos

2.9. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana

- Autores açorianos

3.2. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.

3.3. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: -

Ashe, Thomas - Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

· Bullar, Joseph - Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

· Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

· Orrico, Maria "Terra de Lúdia",

· Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",

· Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim"

- Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad, Volume I, Nova Iorque*; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), cap. V e VI

· Updike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 64, pp. 11-37

TEMA 4 Tradutologia

4.1. Tradução de Literatura lusófona

4.2. tradução de e para português

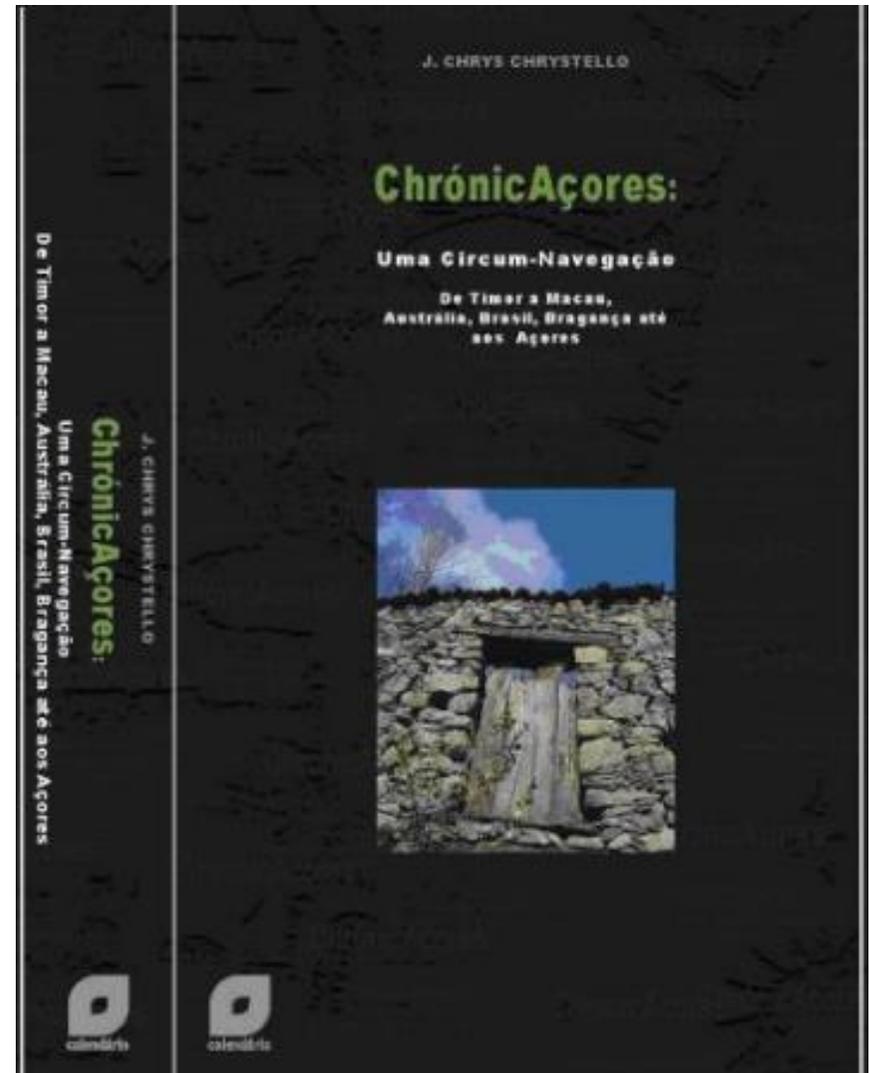
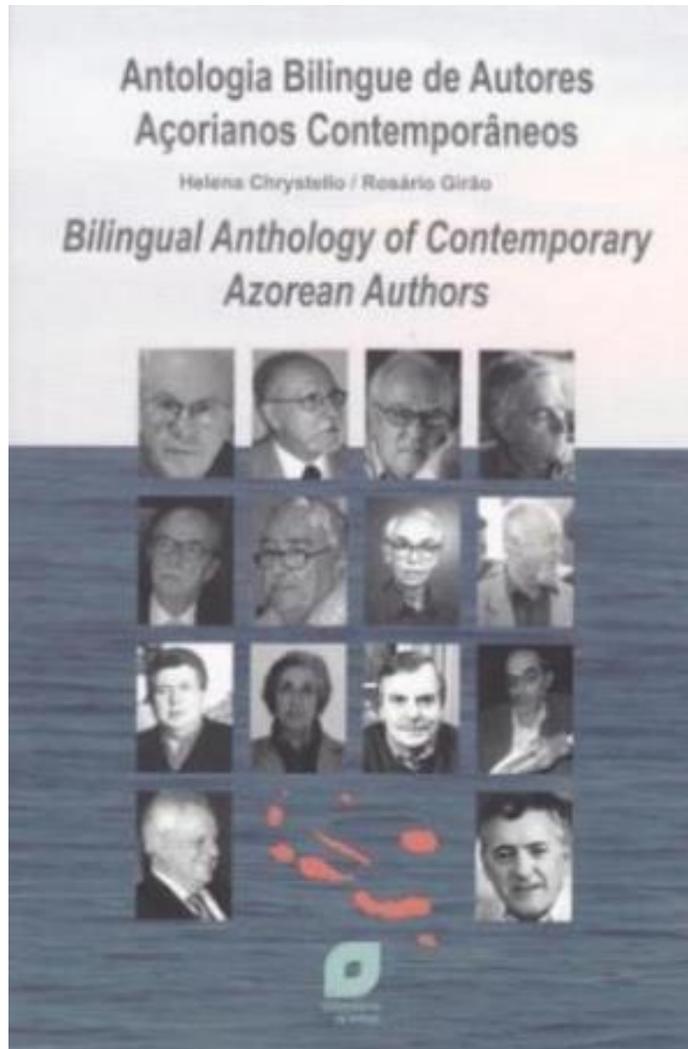
*** João Araújo Correia, médico na cidade da Régua e um dos grandes Mestres da Língua Portuguesa, que mereceu de Aquilino, outro brilhante cultor da Língua, estas expressivas e legítimas palavras:

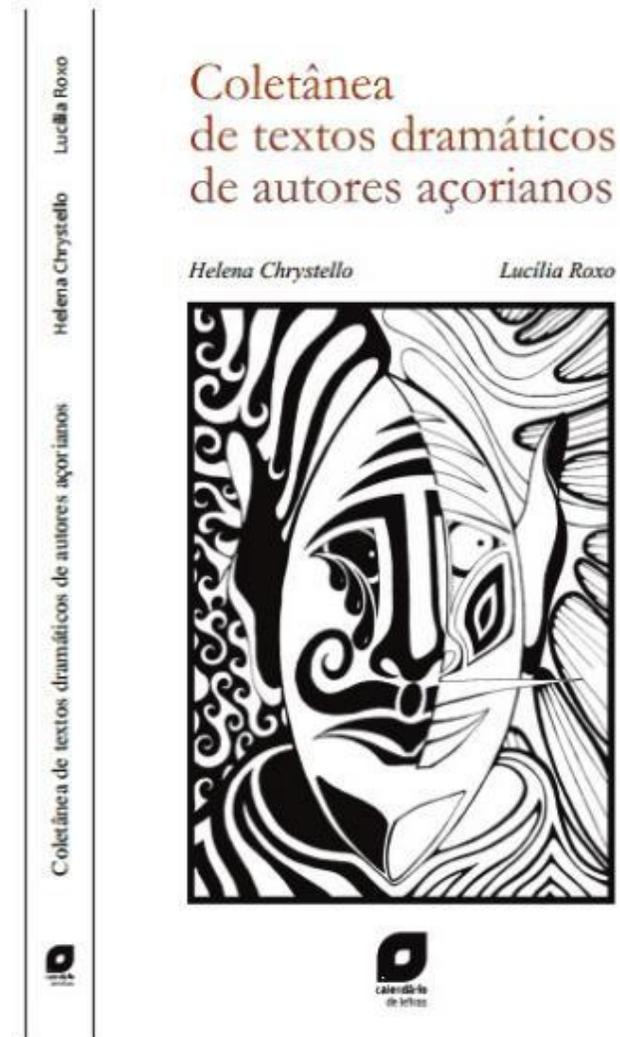
«Mestre de nós todos há cinquenta anos a lavrar nesta terra ingrata e ímproba seara branca do papel almaço, e somos velhos, gloriosos ou ingloriosos, pouco importa; mestre dos que vieram no intermezzo da arte literária com três dimensões para a arte literária sem gramática, sem sintaxe, sem bom senso, sem pés nem cabeça; e mestre para aqueles que terão de libertar-se da acrobacia insustentável e queiram construir obra séria e duradoura».

4. MOSTRA DE LIVROS AICL - CALENDÁRIO DE LETRAS









Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

VER <http://coloquios.lusofonias.net/XXV/LISTA%20PARTICIPANTES.pdf>

6. HORÁRIOS

VER <http://coloquios.lusofonias.net/XXV/25%20HORARIO%20sessoes.pdf>

7. SESSÕES CULTURAIS

- a) [Música do Cancioneiro Açoriano, Poetas Açorianos musicados por Ana Paula Andrade do Conservatório Regional de Ponta Delgada](#)
 - b) Música folclórica ([Rancho da Venda Nova](#) e Alunos da Escola de Música Tradicional do Larouco.
- MÚSICA em honra do 25 de abril.
- c) 3 melodias contra as ditaduras (Geraldo Vandré, Chico Buarque e Georges Moustaki)
 - d) Grupo Galego (Ourense) [TERRA MORENA](#)

LANÇAMENTOS LITERÁRIOS E APRESENTAÇÕES

- e) [DOM XIMENES BELO UM MISSIONÁRIO \(AÇORIANO\) AMBULANTE \(EM TIMOR\) PADRE CARLOS DA ROCHA PEREIRA](#)
- f) [JOSÉ ANTÓNIO CABRITA NA LONJURA DE TIMOR - iha dook rai timor, ED CROCODILO AZUL](#), o livro é sobre deportação política para Timor.
- g) [Homenagem contra o esquecimento: Norberto Ávila dramaturgo açoriano](#)
- h) **TEATRO - [Norberto Ávila homenageado no 4º prémio literário aicl](#)**

Roteiro cultural em Montalegre:

- i) **Vilar de Perdizes. Visita à Sra. das Neves, Paço e aldeia. Guia Padre Fontes.**
 - j) [Pitões das Júnias](#). Visita ao mosteiro, ao forno do povo e ao Ecomuseu de Barroso.
- k) [Autores e poetas presentes](#)
 - l) [Poesia de Brites Araújo + Concha Rousia + Chrys Chrystello + Luciano Pereira](#)

8. ORADORES, AUTORES, POETAS, COMPOSITORES, E ASSISTENTES PRESENCIAIS

1. ADELA FIGUEROA PANISSE, PRÓ-AGLP E AICL, GALIZA



2012

LAGOA



LAGOA 2012

Natural de Lugo, antiga capital da Galacia romana, (Galiza) onde vivo na atualidade. Passei em Pontevedra 26 anos onde realizei a maior parte da minha vida familiar e profissional. (Catedrática de Biologia e Geologia)

Tenho participado nas primeiras reuniões do Acordo da Ortografia simplificada em Rio de Janeiro 1986, convidada pela Academia de Ciências e Letras do Brasil.

LAGOA 2012

Também em numerosos eventos a ver com a inovação pedagógica da Espanha desde o ano 1983, (1º encontro dos Movimentos de Renovação Pedagógica) e posteriores. Diretora da Revista o Ensino, cofundadora da Associação Pedagógica da Galiza, das Jornadas de Ensino da Galiza e também da Associação para a Defesa Ecológica da Galiza. Duas vezes presidenta desta.

Professora reformada de Biologia e Educadora Ambiental, na atualidade ativista na ecologia em ADEGA (Associação para Defesa Ecológica da Galiza) e escritora. Só foi no ano 2003 que escrevi a minha primeira poesia e no 2005 saiu a minha primeira obra de criação. Fui atingida pelo drama do afundamento do Prestige face as costas da Galiza e do brutal ataque ao Iraque pelas tropas dos EEUU pelo que escrevi: "Vento de

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

amor ao mar”. (Editorial do Castro) Letras de Adela Figueroa e ilustrações de Jesús Herrero, Celsa Sánchez e Laura Campoy.

Aberta a janela da criação seguiram a este livro: “A janela aberta”(Editorial do Castro 2007) poesia feminista, com ilustrações de Celsa Sánchez e Madeira de Mulher, (Editorial do Castro 2011) relatos em chave feminina ilustrados por Celsa Sánchez.

O primeiro livro de literatura infantil: O Rei da Floresta (Editorial do Castro 2011) de contos para crianças e grandes que gostem da fantasia, junto do anterior foram dedicados ao Ano Internacional das Florestas 2011

Um livro de teatro infantojuvenil “O Mistério da Escada Interior”, Editorial O Castro, Imprensa Unicopia, Lugo. 2013. Textos de Adela Figueroa e ilustrações de Celsa Sánchez Vázquez.

Além disto, participo na Revista de Poesia Xistral editada pelo Concello de Lugo desde o ano 2005, e também em múltiplas recitais poéticos, de protesto, feministas e de amor. Como o grupo de Lugo Cea-Arte. Publicações coletivas em Brasil, Belo Horizonte (Poesias Escolhidas, O melhor de Mim, Elas são de Marte. Na atualidade, em preparação, Galiza-Brasil) Também na Porta verde do 7º andar e diferentes colaborações poéticas). No prelo Atlântida, Mulher d'Água, da Culture Print de O Porto). Em preparação O Romance da moça Pássaro, livro de arte de edição limitada. Editorial Inés de Castro de Lugo.

Algumas das minhas poesias têm sido musicadas, como A Vela, por Fernando Gómez Jacome, para ser interpretada no coro Lugh de Lugo e a Armada da Ribeira por Pilocha Também foram musicadas todas as poesias antigas pertencentes ao livro O Rei da Floresta, por Xaquín Facal.

Participante dos Colóquios da Lusofonia de Açores 2012, e XI Encontro Internacional de escritoras em Brasília com varias palestras. Noutros Como Congresso Lusófono de Educação Ambiental, Aveiro (2015), Arte Ambiente 2013 Vila Nova de Gaia.

Presidenta da Fundação Eira que custodia bens naturais e culturais na Galiza.

É SÓCIA AICL

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO, LAGOA 2012

TEMA: DA GALIZA À SANTINIKETAM CASA DA GALIZA. BENGALA, ÍNDIA

Breve resumo poético da estadia na Índia. Com referencia à coíne linguística da lusofonia alem mares. Especial menção ao labor realizado pelo Professor José Paz Rodríguez na Universidade de Santiniketan fundada por Rabindranath Tagore, do que é especialista pela sua Tese de doutoramento acerca das Ideias pedagógicas deste grande vulto da cultura Hindu.

A palestra vai ser desenvolvida sob a forma de recital poético e imagens da passagem pelo País, desde Goa até Kolkata e Santiniketan.

2. ALEXANDRE LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, LABCOM.JFP, COVILHÃ - AICL

Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraldes Freire*.

Obeve os graus de mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra.

É Professor Auxiliar e Vice-presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior.



É Investigador Integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Secção de História) e Sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

DA LISTA DAS SUAS ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES, DESTACAMOS

O Portugal Messiânico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocência VIII em 1485, Covilhã, LusoSofia:press, Universidade da Beira Interior, 2013;

Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas, Fundação, Edição: Grafisete, com o apoio da UBI e da AICL, 2013 (elaborado com Carla Luís);

Portugal-África: mitos e realidades vivenciais e artísticas, Alexandre António da Costa Luís e outros (coord.), Covilhã, UBI, com o apoio da FCT, 2012, onde é também o autor do capítulo “*A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415)*”, pp. 187-214;

“*O Papado Perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula Romanus Pontifex (1455)*”, in José Maria Silva Rosa (org.),

Da Autonomia do Político: entre a Idade Média e a Modernidade, Lisboa, Documenta, com o apoio da FCT, 2012, pp. 269-288;

“Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução”, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, pp. 141-165;

“Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481)”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.),

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Representações da Portugalidade, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 243-263.

TEMA 2 - O DEPARTAMENTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E A LUSOFONIA: BREVE DIGRESSÃO HISTÓRICA E TEMÁTICA - ALEXANDRE ANTÓNIO DA COSTA LUÍS - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E LABCOM.IFP ALUIS@UBI.PT

Com o presente trabalho, pretendemos, no que concerne à afirmação e desenvolvimento da lusofonia, destacar o papel ativo e estratégico levado a cabo pelo Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, situado às portas da Serra da Estrela e próximo da vizinha Espanha. Trata-se de um jovem Departamento que, por intermédio, entre outras vias, da sua variada oferta formativa (cursos de licenciatura, pós-graduação, mestrado e doutoramento, mas também de extensão e de Português Língua Estrangeira), da organização de conferências, Colóquios, jornadas, congressos, seminários (nacionais e internacionais) de reconhecido mérito (*I Colóquio Internacional Relações Culturais Portugal-África: Pontes para o Futuro*, *I Congresso Internacional Portugal-Brasil: Relações Linguísticas e Culturais*, *II Congresso Internacional Relações Culturais Portugal-África: Mitos e Realidades Vivenciais e Artísticas*, *I Congresso Internacional Portugal-Brasil-África: Relações Históricas, Literárias e Cinematográficas*, *Encontro A Língua Portuguesa no Século XXI*, *Encontro A Língua Portuguesa no Mundo: Difusão e Desafios*, *XXIII Colóquio da Lusofonia* - em parceria com a AICL -, *Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio*, entre outros), da participação do corpo docente em diversos eventos científicos e culturais, dentro e fora do país, e em destacados centros de investigação, do fomento de exposições (dedicadas a Malangatana, a Mário Cláudio, etc.), do lançamento de publicações especializadas (revistas científicas - *À Beira...*, revista impressa, *UBILetras*, revista digital, livros de atas, obras académicas, traduções, catálogos, a título exemplificativo), da receção de professores e alunos provindos do universo da CPLP (mormente de Angola e Brasil), da colaboração com outras instituições de ensino superior, e não só, tem vindo a promover o reforço de três dos principais pilares do mundo lusófono: a língua portuguesa, o espólio cultural comum e os vínculos históricos.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 20º E 22º SEIA 2013, 2014, 23º FUNDÃO 2015

3. ANA CASTRO SALGADO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E AICL

Ana Salgado. Lexicógrafa, coordenadora responsável pelo novo Dicionário da Academia.

Gestora do Pórtico da Língua Portuguesa e formadora.

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, ramo científico, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sócia correspondente da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa e membro do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa.

Editora científica do *Thesaurus de Ciências da Terra* no âmbito da terminologia.

Foi coordenadora científica do Departamento de Dicionários da Porto Editora.

Coordenou a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, sob a orientação científica do professor João Malaca Casteleiro, a segunda edição da versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, várias edições do *Dicionário Editora da Língua Portuguesa* da Porto Editora, bem como obras didáticas sobre a nova ortografia.

Foi uma das responsáveis pela página do Conversor Ortográfico da Porto Editora e pela aplicação das novas regras ortográficas a todo esse grupo editorial.



TEMA O NOVO DICIONÁRIO DA ACADEMIA: ATUALIDADE, MODERNIDADE, RIGOR CIENTÍFICO, ANA SALGADO, INSTITUTO DE LEXICOLOGIA E LEXICOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA (ILLP), SÓCIA CORRESPONDENTE DA 2.ª SECÇÃO DA CLASSE DE LETRAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL)
anacastrosalgado@gmail.com

Sinopse: No cenário da lexicografia portuguesa, importa desenvolver um registo lexicográfico que venha a colmatar uma lacuna existente. Foram produzidas, nos últimos anos, algumas grandes obras de grande relevo, pelo que o maior desafio, neste momento, é o de constituir um acervo lexicográfico que seja expressão do português atual e disponibilizar essa obra dicionarística em linha para possibilitar um uso mais generalizado e com maior alcance.

A melhor base para desenvolver esta nova obra é o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, publicado pela Academia das Ciências em 2001, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, sob a responsabilidade comercial da Editorial Verbo.

A nova edição em curso respeitará os seguintes valores: atualidade, através de um aumento significativo dos verbetes; modernidade, pelo cuidado que está a ser dado aos neologismos que todos os dias surgem na língua e pela reestruturação dos artigos do dicionário; e rigor científico, através de um olhar atento exigido a qualquer lexicógrafo e, sobretudo no caso do dicionário em questão, pela recolha e análise de todas as críticas

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

que foram sendo tecidas relativamente à edição anterior. A presente comunicação pretende dar conta do avanço do trabalho lexicográfico em curso, que pressupõe um planeamento metodológico rigoroso e o estabelecimento de alguns procedimentos de trabalho para uma rápida e eficiente execução do projeto.

Palavras-chave: dicionário, Língua Portuguesa, lexicografia

É SÓCIA DA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ NUM COLÓQUIO

4. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES E AICL

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.



Bragança 2009



Bragança 2010

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.



Bragança 2009

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



2012 LAGOA

2011 STA Mª



IPM (MACAU) 2011

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.
No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



2012 GALIZA



2013 MAIA

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álvaro Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado.

Faltou ao 21º mas esteve presente no 22º, 23º e 24º tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



Graciosa 2015

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL
É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL
DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS
EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E
BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE,
GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA 2015
Dará dois recitais com Carolina Constância (violino).

5. ANA RIBEIRO, UNIVERSIDADE DO MINHO E
TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA

Ana Ribeiro é docente na Universidade do Minho desde 1991, onde realizou o seu mestrado e doutoramento na área de Literatura Portuguesa. Integra, nesta universidade, o Centro de Estudos Humanísticos.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

É responsável pelas cadeiras de Literaturas africanas de expressão portuguesa na licenciatura em Estudos portugueses e lusófonos e nos Mestrados de português língua não materna e de teoria da literatura e literaturas lusófonas. Leciona também a disciplina de Campo literário e dos *media* no Mestrado de mediação cultural e literária. Para além da tese de mestrado, publicou diversos estudos sobre autores portugueses do século XX e sobre autores africanos dos países de língua oficial portuguesa.



TEMA VAI APRESENTAR DOIS LIVROS DE JOÃO ARAÚJO CORREIA NA SESSÃO DA TERTÚLIA

João Bigotte Chorão resume *Contos bárbaros* desta maneira:

“*Contos bárbaros*, sobre ser um título, é um universo. Quem quiser conhecer o homem, não vá mais longe: pegue nos *Contos bárbaros* e leia as histórias de João de Araújo Correia. Ali verá a velha que sobrevive a si mesma, e volta pontualmente à feira que já não existe, e morre como vivera: numa esquelada solidão de bicho. Ali verá o avô que, cioso do que amorosamente guardara para o neto, o mata, tomando-o, no escuro da noite, por ladrão. Ali verá o viúvo assisado que, depois de criar os filhos, perde a cabeça por uma rapariga. Ali verá a fidalga, modelo de formosura e de bom senso, que vem a casar com o mais desinfeliz dos seus criados. Ali verá o trabalhador honrado que, perseguido pelo infortúnio e pelos seus credores, escolhe com sinistra serenidade a sua própria morte. Ali verá o doutor malcasado que descobre a graça feminina numa camponesa e paga com a morte um irreprimível gesto de ternura. Ali verá, em certo Natal, um Menino Jesus de carne e osso oferecido ao devoto beijo dos fiéis – um recém-nascido abandonado nessa noite sagrada à porta da igreja e logo perfilhado. Ali verá a Rosa desfolhada e murcha, que readquire, porém, novo viço e novo perfume depois de tratada carinhosamente pelo jovem médico, que a mata no momento em que sobrepõe o dever profissional ao sentimento humano. Ali verá, enfim, o velho soldado que vive só da medalha que, logo depois da sua morte, é dada como brinquedo a um garoto, que, desaparecido o encanto da novidade, a esquece na lama.”

Para apresentar *Manta de farrapos*, valemo-nos destas palavras de Amândio César:

“É um diário sentimental o conteúdo destas páginas de João de Araújo Correia, mas um diário sentimental em que a vida lateja, linha após linha, página que segue outra página.

Não se esquece Araújo Correia do amor que devemos à nossa língua; dos elos que nos ligam ao Brasil, da paisagem humana e geográfica do nosso nordeste. Em tudo isto está o criador de ficção; mas está também o artista, a sensibilidade do duriense a descobrir no dia a dia dos seus olhos rasgados os motivos de renovação da sua literatura, da sua presença literária, do seu estilo, dos seus contactos com os seus semelhantes. Ponto de encontro entre o passado e o presente, Araújo Correia relembra os grandes do seu sítio, do seu regionalismo universalista – sejam eles os médicos, os romancistas como Camilo ou os narradores seus mestres e seus iguais, como Trindade Coelho. O volume *Manta de Farrapos* é tão fora do comum e o seu estilo é tão permeável ao diálogo que, mal se encontra lido, logo dá vontade de se voltar ao princípio. A lição larga que de ele se colhe fica amplamente documentada nesse desejo, um desejo que se espraia por mais de duas centenas de páginas. Esta a originalidade de *Manta de Farrapos* que quase dá vontade de classificar como manta de brocado.”

6. ANABELA NAIÁ SARDO, Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), UDI, IPG, GUARDA, e AICL

Anabela Oliveira da Naia Sardo é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Foi, desde 2009, Diretora da ESTH, onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015.



SANTA MARIA 2011



MOINHOS 2014

Anabela Oliveira da Naia Sardo é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até 2015. Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, Presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012.



GALIZA 2012

GRACIOSA 2015

É, neste momento, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH - IPG. É membro integrado da UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR (UDI) e faz parte da equipa coordenadora e investigadora do projeto do IPG "Observatório de Turismo da Serra da Estrela", com sede na ESTH - IPG.

É sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia.

Para além da investigação que tem vindo a realizar na área da Literatura Portuguesa, especificamente acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural.

Modera sessões

FAZ PARTE DA AG VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

É MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO 2013-2015 E 2015-2017

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2014 E GRACIOSA 2015

7. ÂNGELO CRISTÓVÃO, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA (AGLP) E AICL

ÂNGELO CRISTÓVÃO, Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «www.lusografia.org».

Desde 1994 secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, tendo organizado os Seminários de Políticas Linguísticas (2003, 2004, 2006).

Presidiu à Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, em cujo nome interveio na Conferência Internacional - Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico, realizada na Assembleia da República em 7 de abril de 2008. **Alguns artigos e comunicações:**

1984: «Estudo antropológico da aldeia de Bustelo, Concelho de Dodro». Inédito.

1987: «Uma escala de atitudes perante o uso da língua», comunicação ao III Congresso Español de Psicología Social (Valência) In Agália #14 (1988) pp. 157-177.

1989: «Aspetos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola», II Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Atas, 1989, Ourense, pp. 237-254.



BRAGANÇA 2007 LAGOA 2009

1990 a: «Bibliografia de Sociolinguística lusófona», in Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística, vol. VI, n.º 21-26, pp. 71-99; in Noves de Sociolinguística, n.º 9, Institut de Sociolinguística Catalana. Barcelona, pp. 3-33.

1990 b: «Medição de variáveis: competência e uso linguístico». Comunicação ao III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, Ourense, outubro. Publicada em Cadernos do Instituto de Estudos Luso-Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero" Ass. de Amizade Galiza-Portugal Série "Investigação" vol. I 1994, Comunicações suprimidas n.º 2.

1991 a: «A eficácia da goma de mascar (Nicorette®) no abandono do tabagismo». Estudo com técnicas de meta-análise apresentada no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito. 83

1992 a: «Language Planning: Atitudes», in Atas do «I Congreso de Planificación Lingüística», Santiago de Compostela, pp. 383-400.

1992 b: «Análise causal da Teoria do Comportamento Planeado com dados supostos». 21 pp. Trabalho apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". 16 junho. Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito.

2003: «Sociolinguística e cientificidade na Galiza», comunicação apresentada ao II Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, outubro. In Atas dos Colóquios

2004 a: «Questione della língua: introdução e bibliografia», comunicação apresentada ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Univ. de Coimbra, 17 de setembro



BRAGANÇA 2009-2008



SEIA 2014



SEIA 2014 S

2004 b (org) Lluís V. Aracil: Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Braga.

2004 c: «O contributo de António Gil à sociolinguística galega», comunicação ao III Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro. In Atas dos Colóquios

2005: «A República Literária e a Lusofonia - Semelhanças, diferenças e exemplos», comunicação ao IV Colóquio da Lusofonia. Bragança, In Atas

2006: «A lusofonia galega: processos e modelos desde 1980», comunicação apresentada ao V Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, In Atas dos Colóquios

2007: «A posição galega ante os Acordos Ortográficos da língua portuguesa», comunicação apresentada ao VI Colóquio Anual da Lusofonia.

2008: "O processo de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa" apresentada ao VII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro.

2009 "Os Discursos Sobre A Língua Na Galiza: Entre O Modelo Nacional e o Patoá" apresentada ao VIII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro.

2012, tomou parte na sessão das Academias, 18º Colóquio em Ourense, **TOMOU PARTE NO 1º, 2º, 3º, 4º 5º, 7º, 8º, 10º, 11º, 12º, 14º E 18º COLÓQUIOS E NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014**
É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
PRESEDE À FUNDAÇÃO DA AGLP



GALIZA 2012

TEMA: PARTICIPA NA SESSÃO DAS ACADEMIAS

8. ANTÓNIO ANDINA PENABAD, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA (AGLP), GALIZA, ASSISTENTE PRESENCIAL

É O WEBMASTER DA AICL.

9. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO E AICL

ANTÓNIO CALLIXTO

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira.

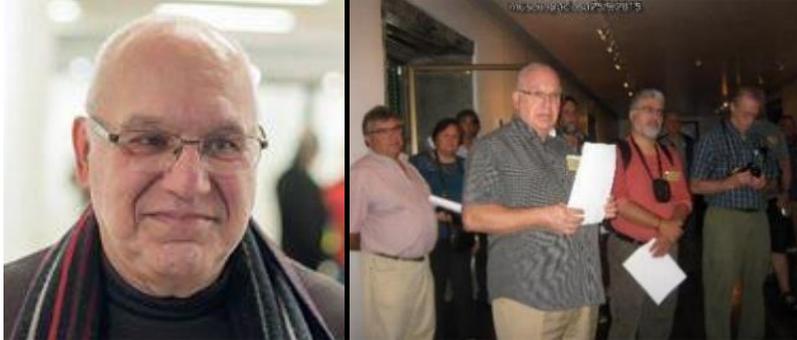
Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe).

Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução.



Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

TEMA: SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO LUXEMBURGO, INCLUINDO POSIÇÃO DO PORTUGUÊS

"Situação linguística do Luxemburgo, incluindo posição do português" - Características do multilinguismo no Luxemburgo. Aspectos relacionados com a presença das instituições europeias e seus funcionários. Especificidades do português, língua de um quinto da população.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESSE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA.

TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015

10. AUROBINDO XAVIER, LUSOPHONE SOCIETY OF GOA (LSG) / SOCIEDADE LUSÓFONA DE GOA. CONVIDADO AICL



Aurobindo Xavier, Lusophone Society of Goa (LSG) - Sociedade Lusófona de Goa, Goa

Nasceu em Goa. Mestrado pela Universidade de Munique (Alemanha) e Doutorado pela Universidade Técnica de Munique (Alemanha). Professor Universitário aposentado. Especializado na área do Ambiente. Trabalhou e lecionou na Alemanha, Brasil e Portugal. Consultor de empresas e instituições. É fundador e Presidente da Lusophone Society of Goa (LSG) - Sociedade Lusófona de Goa, Goa

TEMA – "A língua portuguesa em Goa presentemente no dia-a-dia"

. A Lusophone Society of Goa (LSG), Sociedade Lusófona de Goa, foi fundada no ano de 2012 em Goa, Índia e registada oficialmente sob a legislação indiana da Societies Registration Act 1860. A sociedade tem como finalidade promover e apoiar a cultura lusófona em Goa, aprofundando as relações entre Goa e os países e regiões lusófonas e estabelecendo projetos relacionados com a língua portuguesa e cultura lusófona nas áreas de artes, sociais, educacionais, ciência e tecnologia.

A sociedade pretende abranger culturas de diversos países e regiões de cultura lusófona (pessoas falantes de português, regiões e países), particularmente as populações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Timor Leste, Guiné Bissau, do estado indiano de Goa e dos territórios indianos de Damão e Diu, da região autónoma de Macau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, considerando que a língua portuguesa é a sétima mais falada do mundo. O conhecimento da cultura lusófona é essencial para a compreensão

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

do mundo político, económico e social com quem a Índia e particularmente Goa têm relações cada vez mais fortes.

A Sociedade está aberta e considera bem-vindas colaborações a nível Individual, de Grupos e de Instituições dos Países Lusófonos. Sobre as atividades da LSG ver na Internet <http://lusophonegoa.org/en>

Lusophone Society of Goa (LSG) / Sociedade Lusófona de Goa

info@lusophonegoa.org / www.lusophonegoa.org

www.facebook.com/lusophonegoa / www.twitter.com/lusophonegoa

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ. CONVIDADO AICL

11. BONIFÁCIO BELO, SECRETÁRIO DA EMBAIXADA DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE

É DIPLOMATA, SEGUNDO-SECRETÁRIO DA EMBAIXADA EM LISBOA.

Pós-Graduação de Ciências Sociais, Políticas e Militares no Instituto de Defesa Nacional de Timor-Leste ministrada pelo ISCSP, Universidade de Lisboa.



TRATA-SE DA TERCEIRA PARTICIPAÇÃO DA EMBAIXADA NOS NOSSOS COLÓQUIOS DEPOIS DO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA EM 2005 COM A EMBAIXADORA PASCOELA BARRETO, NO 22º COLÓQUIO EM SEIA COM O ADIDO CULTURAL JOSÉ AMARAL.

12. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA, GRACIOSA, AÇORES E AICL

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na Ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas. Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.



Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena Antologia de poetas açorianos.

Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores.

Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.

sessões Hotel 26set2015



GRACIOSA 2015

Bibliografia

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

1979, Nós palavras, com Eduardo Bettencourt Pinto, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt, Tipografia Gráfica Açoriana

2014, in Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 Ilhas 9 escritoras, in Atas do 21º Colóquio da lusofonia, Moinhos de Porto Formoso, S Miguel, Açores

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 ILHAS 9 escritoras, no pavilhão multiusos da ilha Graciosa, org Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa

2015, O traço insular em Cecília Meireles, in Atas do 24º Colóquio da Lusofonia, Graciosa 2015, Açores

SÓCIO DA AICL.

ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014 E 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015.

PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VÍDEO HOMENAGEM DA AICL

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

TEMA - INFLUÊNCIA DAS MIGRAÇÕES NA LITERATURA E NO LÉXICO AÇORIANOS

Os movimentos migratórios de e para as ilhas deixaram marcas inteligíveis no falar açoriano, sobretudo ao nível do conteúdo lexical, marcas essas que se traduzem em termos e expressões não só distintos dos do português padrão, como indecifráveis para os demais falantes da nossa língua.

De igual modo, com maior destaque para o que releva da emigração para os Estados Unidos e Canadá, geraram dinâmicas socioculturais e moldaram imaginários que se refletem na produção literária açoriana, quer do ponto de vista da crónica e da ficção, quer na perspectiva da linguagem poética.

Esta comunicação centrar-se-á numa pequena apresentação - explicação de alguns dos termos e expressões acima indicados, e numa breve incursão pelas marcas dos movimentos migratórios na literatura açoriana.

13. CAIO CHRISTIANO, UNIVERSIDADE BLAISE PASCAL, CLERMONT, FRANÇA, E AICL

Caio Christiano é atualmente professor na Universidade Blaise Pascal e no Instituto de Mecânica Avançada em Clermont-Ferrand na França.

Dedica-se principalmente aos estudos de linguística de *corpus*, tradução e ensino de Português como língua estrangeira.

Doutorou-se na Universidade de Poitiers em 2014 e é o criador e responsável pedagógico do sítio (website) www.ensinarportugues.org.



S MIG 2010



TEMA: COMO E PORQUÊ USAR AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA PESQUISA LINGUÍSTICA, CAIO CHRISTIANO

Na esfera da lusofonia, é provável que o sociolinguista brasileiro Dino Preti tenha sido o primeiro a chamar a atenção para a riqueza que o material oriundo das histórias em quadrinhos (bandas desenhadas, em Portugal) poderia trazer à pesquisa científica no campo da linguística.



2010

Bragança 2010

Bragança

Entretanto, passados mais de quarenta anos da publicação dos primeiros resultados destas pesquisas, ainda somos poucos os linguistas a incorporarmos as HQs aos nossos estudos.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Apesar de nas últimas décadas os quadrinhos terem vindo a ser aceites pelos pedagogos como ferramentas úteis ao aprendizado escolar e de os estudos nos campos literário e da comunicação se terem multiplicado, nenhum dos mais importantes *corpora* linguísticos atualmente disponíveis integra as HQs.

Poder-se-ia atribuir esta ausência ao desdém, hostilidade e antepaixão que a academia historicamente nutriu pela nona arte, às dificuldades intrínsecas à exploração do material de HQ para fins linguísticos ou ainda ao simples desconhecimento do imenso potencial ainda quase inexplorado que as HQs oferecem ao investigador linguístico.

Nesta comunicação, após passar em revista o que de mais importante se produziu em termos de pesquisa linguística com base nas histórias em quadrinhos, apresentarei uma série de exemplos de sua utilização na área da linguística.

Darei especial ênfase aos casos em que o uso das HQs, devido as suas especificidades formais e editoriais, pode possibilitar a observação de fenômenos linguísticos cuja identificação seria quase impraticável em outras mídias.

É SÓCIO DA AICL

JÁ TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010

14. CARLA SOFIA LUÍS, UBI, LABCOM.IFP COVILHÃ E AICL

Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977.

É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição.

É Professora Auxiliar, com nomeação definitiva, no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LabCom.IFP.

É Coordenadora de Mobilidade do DL (Português - Espanhol, 1.º Ciclo) da UBI, Membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras e Membro da Comissão Científica da Revista Egítania Scienca.



SEIA 2014

Publicou:

Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio (Vila Real, CEL e UTAD, 2011, 445 pp.),

Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas (Fundão, Grafisete, 2013),

Os capítulos de livro “Mário Cláudio: Nauta e Guardiã da Portugalidade” (in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (organizadores), Representações da Portugalidade, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 57-80),

“Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de Tocata para Dois Clarins e Peregrinação de Barnabé das Índias” (in Cristina Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais, Covilhã, UBI, 2012, pp. 27-51),

“Um Breve Olhar Sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio” (in A Dinâmica dos Olhares. Um Balanço de um Século de Literatura e de Cultura em Portugal (1912-2012), Lisboa, CLEPUL – no prelo),

“Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: os Casos das Trilogias da Mão, da Árvore e das Constelações”, in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), Mário Cláudio e a Portugalidade, Setúbal, Edições Fénix, UBI, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015, pp. 103-138

E ainda os artigos

“Algumas Singularidades Linguísticas na Obra Narrativa de Mário Cláudio” (Revista de Estudos Cabo-Verdianos, Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação, Praia, pp. 155-163),

“Um breve olhar sobre a génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, Revista de Letras, Vila Real, CEL, UTAD, 2014.

TEMA 2 - O DEPARTAMENTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E A LUSOFONIA: BREVE DIGRESSÃO HISTÓRICA E TEMÁTICA POR CARLA SOFIA GOMES XAVIER LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E LABCOM.IFP - (CXAVIER@UBI.PT)

Com o presente trabalho, pretendemos, no que concerne à afirmação e desenvolvimento da lusofonia, destacar o papel ativo e estratégico levado a cabo pelo Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, situado às portas da Serra da Estrela e próximo da vizinha Espanha.

Trata-se de um jovem Departamento que, por intermédio, entre outras vias, da sua variada oferta formativa (cursos de licenciatura, pós-graduação, mestrado e doutoramento, mas também de extensão e de Português Língua Estrangeira), da organização de conferências, Colóquios, jornadas, congressos, seminários (nacionais e internacionais) de reconhecido mérito (*I Colóquio Internacional Relações Culturais Portugal-África: Pontes para o Futuro, I Congresso Internacional Portugal-Brasil: Relações Linguísticas e Culturais, II Congresso Internacional Relações Culturais Portugal-África: Mitos e Realidades Vivenciais e Artísticas, I Congresso Internacional Portugal-Brasil-África: Relações Históricas, Literárias e Cinematográficas, Encontro A Língua Portuguesa no Século XXI, Encontro A Língua Portuguesa no Mundo: Difusão e*

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Desafios, - em parceria com a AICL -, *Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio*, entre outros), da participação do corpo docente em diversos eventos científicos e culturais, dentro e fora do país, e em destacados centros de investigação, do fomento de exposições (dedicadas a Malangatana, a Mário Cláudio, etc.), do lançamento de publicações especializadas (revistas científicas - *À Beira*, *UBILetras*, revista digital -, livros de atas, obras académicas, traduções, catálogos, a título exemplificativo), da receção de professores e alunos provindos do universo da CPLP (mormente de Angola e Brasil), da colaboração com outras instituições de ensino superior, e não só, tem vindo a promover o reforço de três dos principais pilares do mundo lusófono: a língua portuguesa, o espólio cultural comum e os vínculos históricos.

15. CARLOS MATIAS, AICL, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL



MAIA 2013



MOINHOS 2014

É SÓCIO DA AICL
JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013 E 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

16. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES E AICL.

Carolina Cordeiro é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade dos Açores.

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa. Leciona e dilucida as mais diversas dúvidas nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Portuguesa, Literatura Inglesa e Linguagem e Comunicação.

Publicou os seus primeiros poemas na Coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004). Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela

da Chiado Editora. Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, Vol IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos - PARTE V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudos); em junho de 2015, apresentou segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas). Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários bem como ministrado vários *workshops* de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

~~



SEIA 2014

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa *EscreViver (n)os Açores*; foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*; tem participado e dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis e projeção da leitura como "bem essencial à vida"; e, participa ativamente no *Azores Fringe Festival*. Presentemente é responsável pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Encontra-se a finalizar o mestrado em Língua Portuguesa -Investigação e Ensino (Universidade Aberta), com intenção de interligar a escrita de Daniel de Sá à componente multicultural da escrita açoreana.

TEMA Daniel de Sá e a Multiculturalidade açoriana da Literatura

A Literatura, e a sua respetiva leitura, é tão ou mais variada quanto o número de seres humanos capazes de a levar a efeito. Tudo, de alguma forma, reporta-nos para a questão: o quão importante é a Literatura e a sua leitura?

Se o comer e o beber suportam o nosso corpo, a literatura suporta a nossa mente. A Literatura é proficiente mas não é milagrosa. Ao longo do tempo, à leitura têm sido apresentados desafios quer na interpretação, quer na divulgação e quer, ainda, no ensino da própria Literatura.

A noção de leitura literária, como "uma forma de pensar e falar", na visão de Manguel já se esmoreceu. Nos nossos dias, já não existem os "atleta[s] da linguagem", como Tavares sintetiza, metaforicamente.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

A leitura literária é o desafio do século dado que “A influência é tanta que chego a questionar se a literatura não será toda proveniente de “um único livro (...) mas é um livro recuado no tempo, que mal aflora as minhas lembranças.”

A literatura é um jogo fascinante entre o que é escrito, pensado, lido e interpretado. “[h]á mais mundos. Grandiosos mundos” para além das “aldeias abandonadas deste país”. E, há mais leitores do que países.

“A Literatura é a grande educadora dos sentimentos.” Como dizia Vítor Hugo “[o] espírito que não lê emagrece como um corpo que não come”. E obra de Daniel de Sá é prova viva de que a Literatura é o alimento para a (sobre)vivência física do Homem. Em *O Pastor das Casas Mortas*, onde “(...) qualquer pedaço de mundo vale pelo que vale a sua gente.”, Sá transporta-nos não para uma simples aldeia perdida nos montes nem para uma região insular, mas para uma simples aldeia, a maior de todas: o ser humano, rodeado por um vasto todo.

**É SÓCIA DA AICL
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM SEIA NO 22º COLÓQUIO EM 2014**

17. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO DE PONTA DELGADA, AÇORES



FUNDÃO 2015



Galiza 2012

ANA CAROLINA CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993. Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna.

No curso básico de violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar. Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Terminou a licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, continuando a manter uma prática regular do violino no CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA.

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 10º COLÓQUIO EM 2008 NA LAGOA TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NO 12º BRAGANÇA 2009, 16º em VILA DO PORTO 2011, 18º em OURENSE 2012, 20º SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015 E 24º GRACIOSA 2015



GRACIOSA 2015

**18. CHRYS CHRYSTELLO, AICL, AGLP, UTS, SYDNEY
E NAATI, CAMBERRA, AUSTRÁLIA, AÇORES**



BRAGANÇA 2008

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) é um cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo. Nasceu no seio duma família mesclada de Alemão, Galego (942 AD), Brasileiro (carioca) do lado paterno e Português e marrano do materno.

Publicou aos 23 anos o livro “Crônicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (set.º 1973- junho 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli).

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor.

De 1967 a 1996 dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor-Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.



BRAGANÇA 2010



RIO 2010

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau.

Também foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM - Rádio 7 - Rádio Macau - TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Depois, radicar-se-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne) como cidadão australiano. Ali, esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural daquele país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi Tradutor e Intérprete no Ministério Estadual da Imigração e no Ministério de Saúde (Nova Gales do Sul).

Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), Chrys lecionou em Sidney na Universidade UTS, Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.

Durante mais de vinte anos foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005),

Em 1999, publicou a sua tese de MA, o Ensaio Político “Timor-Leste: o dossiê secreto 1973-1975”, esgotado ao fim de três dias.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Em 2000 publicou (e-book) a monografia "Crónicas Austrais 1976-1996".

Em 2005 compilou e publicou o "Cancioneiro Transmontano 2005" e publicou (e-book DVD) outro volume dos seus contributos para a história "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter" (> 2600 pp., edição de autor CD).

Entre 2006 e 2010, traduziu, obras de autores açorianos para Inglês, [Daniel de Sá (Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, São Miguel: A Ilha esculpida", "Ilha Terceira, Terra de Bravos") e Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Soares "Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel) ". Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos e em 2012 "Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino", de Caetano Valadão Serpa.

Foi (2000-2012) Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido e Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia. Foi (2008-2012) Consultor do Programa REMA, Univ. dos Açores.



MACAU 2011 15º COLÓQUIO

POESIA, GRUTA DE CAMÕES, MACAU

Proferiu Palestra na Academia Brasileira de Letras (29 março 2010) juntamente com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Em 2009 publicou vol. 1 da trilogia "Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado) " <http://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA>

Em 2011 publicou o segundo volume (ed. Calendário das Letras).

Em 2012 lançou as obras completas de poesia **Crónica do Quotidiano Inútil** (volumes 1 a 5), a assinalar os 40 anos de vida literária, bem como uma nova edição em CD-livro da sua trilogia sobre a História de Timor.

Foi admitido a 5 de outubro 2012 como ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa).

Em 2015 lançou a 4ª edição de **Crónicas Austrais 1978-1998** <http://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>, <http://www.lusofonias.net/projetos/2014-10-14-08-36-29/2014-10-13-19-52-29.html>



SEIA 2014

BRASILIA 2010



Ainda nesse ano publica nova edição completa dos 3 volumes da **Trilogia da História de Timor** <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf>

Organiza desde 2001 os Colóquios da Lusofonia [Porto 2002, Bragança 2003-2010, Seia 2013-2014, Fundão 2015; São Miguel (Lagoa 2008, 2009, 2012, Ribeira Grande 2006 e 2007, Maia 2013, Moinhos de Porto Formoso 2014, Santa Maria: Vila do Porto 2011; Graciosa: Santa Cruz da Graciosa 2015; Brasil – Brasília, S. Paulo, Rio e Florianópolis, Santa Catarina em 2010, Galiza (Ourense) 2012 e Macau (China) 2011.

É Editor dos **CADERNOS (DE ESTUDOS) AÇORIANOS**, publicação trimestral em <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07.html>

Prefaciou e editou o último livro de Dom Ximenes Belo a editar pela AICL em 2016 sobre o padre açoriano em Timor, Carlos da Rocha Pereira.

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.**

MODERA SESSÕES - INTERVÉM NAS SESSÕES DE POESIA



Graciosa 2015

TEMA 2. TEMA AÇORIANIDADE 3.1. LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA. A CONDIÇÃO DE ILHÉU, J CHRYS CHRYSTELLO,

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

A noção primeira que retive dos açorianos foi a sua inquebrantável relação umbilical à terra, bem distinta da dos transmontanos ou minhotos.

Mesmo quando saem da ilha, nela ficando, levam-na na bagagem para qualquer lugar, seja no Canadá, EUA, Bermudas ou Havai.

Não levam só a ilha mas acarretam séculos de história e de tradições que insistem em transplantar como se tivessem raízes capazes de medrar em solo estrangeiro e torná-lo mais ameno, hospitaleiro, em suma, açoriano. Há um sentimento de pertença iniludível e sem paralelo.

Por mais semelhanças que se tentem encontrar, trata-se de um sentimento único.

Não sei se isto é perceptível para o comum dos mortais, mas para mim, que cá vivo há onze anos, não só é visível como sentido e palpável.

Neste bucolismo ilhéu sentir-me-ia bem com António Feliciano de Castilho, escritor que todo o mundo já esqueceu.

Propício para ver Florbela Espanca escrever poesia mais alegre, ou para um António Boto ser menos suicida, mas menos indicado para Cesário Verde ou para o António Nobre se sentir menos "Só".

E entretanto resisto a esse chamamento magnético. Este sentimento de pertença e esta minha aparente repulsa pelos forasteiros mostram vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele fizesse eu já parte efetiva. Serei já açoriano?

Lomba da Maia (São Miguel, Açores) outubro 2015

19. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, LISBOA, AICL, PRESENCIAL CONVIDADA



GRACIOSA 2015

maia 2013



GALIZA 2012



É SÓCIO DA AICL. ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010

20. CONCHA ROUSIA, AGLP, GALIZA e AICL



LAGOA 2009

PDL 2013

CONCHA ROUSIA (CONCHA Rodríguez PÉREZ),
Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza)
Psicoterapeuta e escritora.

Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008.

Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza

Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.



Rio 2010



LAGOA

PUBLICAÇÕES:

- **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012, Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.
- **As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-livro / e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (www.arcosonline.com), Arcos de Valdevez, Portugal.
- **"Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- **"Cem Vaga-lumes"** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- **Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- **Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- **Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.
- **Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **"Poesia do Brasil"**, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Escrever nas Margens**. Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza.
- **150 Poemas para Rosalia**. Antologia poética. 2015, Galiza.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Lítero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade.
- **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- **Um dia**, Publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

- **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.
- Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos, Colóquios da Lusofonia, 2010
- **PRÉMIOS**
- • Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- • Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- • Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance "A Língua de Joana C"



Gruta de Camões MACAU 2011 VILA DO PORTO 2011

- Administradora do blogue 'República da Rousia': republicadarousia.blogspot.com
Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º Colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa.

Em 2011 fez parte da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.

Foi nomeada Patrona da AICL em representação da AGLP, no 16º Colóquio, outubro 2011.



Rio de Janeiro, Brasil, 2010 Academia Brasileira de

Letras

*É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
ESTEVE PRESENTE NA LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013, SEIA E FUNDÃO 2014, GRACIOSA 2015*

Modera sessões

TOMA PARTE NA SESSÃO DA AGLP E NA SESSÃO DE POESIA

21. DANIELA E. M. FONSECA, UTAD



Daniela Esperança Monteiro da Fonseca nasceu em Salzedas, distrito de Viseu, em 1977, frequentou os estudos primários, preparatórios e secundários em Tarouca e

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

ingressou no ensino superior em 1995, na Universidade do Minho, em Braga, licenciando-se em Comunicação Social, no ano de 2000.

Em 2001 entrou no mestrado em Ciências da Comunicação - ramo Informação e Jornalismo, na mesma universidade.

Depois de alguns estágios e trabalhos pontuais nas áreas da Publicidade e do Jornalismo, fez assessoria de imprensa no Sindicato dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais do Norte no Porto, entre 2005 e 2007, passando, nesse mesmo ano, a exercer docência no Ensino Superior a partir de setembro.

Doutorou-se em Ciências da Comunicação - ramo Informação e Persuasão, em 2014, na Universidade da Beira Interior, Covilhã, com uma tese intitulada "O papel das Relações Públicas na modernização dos sindicatos portugueses. Novos e velhos movimentos sociais".

Atualmente é Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

TEMA 1.1. BENTO DA CRUZ, JORNALISTA, POR DANIELA ESPERANÇA MONTEIRO DA FONSECA - UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Jornalismo e Literatura foram sempre territórios distintos, em relação aos quais sempre se promoveram dois tipos de posição: por um lado, uma aceitação e apreço pelas duas áreas; por outro, um menosprezo latente pela, aparentemente, menos académica dentre elas, o Jornalismo.

Não estando em causa um aprofundamento maior das discrepâncias indicadas, embora delas se reflita também no artigo final, de Martín Vivaldi citamos um *lugar-comum* que nos oferece a figura de um escritor que não se encerra na "torre de marfim da própria criação, indiferente ao eco popular; o mesmo se passando com o jornalista" (1987: 249).

Melhor imagem que a anterior seria impossível de obter para caracterizar a vida e a obra de Bento da Cruz.

Foi da terra e descreveu-a como poucos, quer através da escrita cuidada e obsequente ao embelezamento do discurso literário, quer através da crueza que o jornalismo oferece aos que dele tomam parte.

Nesse contexto, visa este artigo estudar, a partir de uma das suas obras, *Prolegómenos*, volumes I, II e III, a *crónica* como elemento central na vida do escritor-jornalista barrosão, procurando reter, através do método da *análise de conteúdo*, as principais temáticas que Bento da Cruz privilegiou ao longo dos anos.

Partimos, por essa via, não de uma, mas de duas perguntas centrais às quais se procura responder no final deste estudo:

a) qual a importância da cultura barrosã nas crónicas escritas por Bento da Cruz, de 1974 aos nossos dias?

b) quais as características da cultura portuguesa evidenciadas pelas crónicas de Bento da Cruz a partir do Barrosão?

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

22. EMBAIXADOR EUGÉNIO ANACORETA CORREIA



EUGÉNIO ANACORETA CORREIA

Licenciado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Eugénio Anacoreta Correia foi Deputado à Assembleia da República (1976 - 1987), cofundador do "movimento" das Organizações Não-Governamentais Portuguesas para o Desenvolvimento e seu primeiro Coordenador e Representante junto da Comissão Europeia (1986 - 1988).

Foi ainda Embaixador de Portugal em S. Tomé e Príncipe (1988 - 1993) e em Cabo Verde (1993 - 1998) - país do qual é Cidadão Honorário - e Presidente do Instituto da Cooperação Portuguesa (1999 - 2002).

Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, a Medalha de 1ª Classe da Ordem do Vulcão (Cabo Verde) e Cavaleiro da Ordem do Rio Mono (Togo).

É desde 2006, Presidente da Assembleia de Curadores da Fundação Cidade de Lisboa e, desde 2009, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.



Vem firmar o convénio com a AICL delineado com o Instituto Internacional de Macau em 2011 aquando do 15º Colóquio.

TEMA - COMISSÃO TEMÁTICA DE PROMOÇÃO E DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA DA CPLP

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

23. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL OVAR, ASSISTENTE PRESENCIAL



MOINHOS 2014

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO E 23º FUNDÃO E NO 24º NA GRACIOSA 2015



Vila do Porto 2011

24. FERNANDO A. TORRES MOREIRA, UTAD

Doutor em Cultura Portuguesa, mestre em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas e licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, é professor catedrático na área da cultura portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal. Orienta as suas pesquisas no âmbito da cultura portuguesa, com particular incidência no século XVIII, sendo vice-diretor do doutoramento e do mestrado em Ciências da Cultura da UTAD, e responsável pelos seminários de História da Cultura Portuguesa e História da Cultura – práticas e representações,

entre outros. Autor e editor de vários livros, tem apresentado comunicações em congressos internacionais e tem publicado artigos em revistas nacionais e internacionais a par da orientação de teses de doutoramento e mestrado na área de cultura portuguesa.

TEMA 1.1. MEMÓRIA E IDENTIDADE EM BENTO DA CRUZ

Investigador minucioso e persistente, Bento da Cruz usou essa sua capacidade em prol dos seus interesses criadores e, sobretudo, em abono da verdade e da justiça, pois o médico e o escritor era também um homem de causas. A sua principal missão foi o Barroso e as suas gentes, espaço sociocultural local onde afirma a sua universalidade.

Partindo, essencialmente, da leitura das obras *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes* e *O Lobo Guerrilheiro*, esta proposta de comunicação pretende expor o contributo de Bento da Cruz para a construção da memória e identidade barrosã.

25. FRANCISCO F MADRUGA, DIRETOR E EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA E AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



PDL 2013



LAGOA 2012

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRÓ* a *Antologia Novos Tempos Velhas Culturas*. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da *Calendário de Letras*, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da *Antologia* (monolíngue) de *Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da *Coletânea de textos dramáticos açorianos* e da *Antologia 9 Ilhas*, 9 escritoras.

Editou os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Crónica Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)



Macau 2011

FLORIPA 2010

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.
MODERA SESSÕES**

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014, SEIA 2014, FUNDÃO 2014, GRACIOSA 2015



FUNDÃO 2015

GRACIOSA 2015

26. GONÇALO FERNANDES, UTAD



MANUEL GONÇALO DE SÁ FERNANDES é

Professor Auxiliar com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (desde 2009), com a sede em Vila Real.

Trabalha na área disciplinar da Linguística, especialização em Historiografia Linguística Latino-Portuguesa e Linguística Missionária, tendo nos últimos anos se dedicado principalmente à investigação das ideias linguísticas em Portugal na Idade Média e na descrição linguística dos missionários do Padroado português em África, em particular em Angola e Moçambique, e na Ásia, com destaque para a Índia, Japão e Vietname.

Tem colaborado com várias associações internacionais de Historiografia Linguística e fez parte da Comissão organizadora do ICHoLS XIII (13th *International Conference on the History of the Language Sciences*) (agosto de 2014) e do VII CISEHL (VII Congreso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Linguística) (novembro de 2009), que se realizaram na UTAD, estando presentemente a editar dois volumes de atas, pela John Benjamins (Holanda) e a Nodus Publikationen (Alemanha).

TEMA CUNHA RIVARA (1809 – 1879) E A DEFESA DO CONCANI, GONÇALO FERNANDES, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO, GF@UTAD.PT

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809 – 1879), como Secretário-Geral da Índia (1855-1870), contribuiu de sobremaneira para a valorização do Concani, língua falada em Goa.

António César de Vasconcelos Correia (1797 – 1865), Governador-geral da Índia, nomeou Cunha Rivara membro de uma Comissão “especial” que tinha por objetivos coordenar, preparar e imprimir dicionários em Português-Concani e Concani-Português e outros monumentos das línguas locais (Rivara 1868: 3, nota a).

Dentre as múltiplas obras dedicadas à Índia editadas por Cunha Rivara, destacamos o seu “Ensaio Histórico da Língua Concani”, que foi publicado por duas vezes, uma como introdução à gramática de Tomás Estêvão (1857) e outra como livro autónomo (1858).

Evidenciamos ainda a publicação de três gramáticas do Concani e um dicionário de Português-Concani, da autoria de Tomás Estêvão, S.J. [Thomas Stephens] (1549 – 1619), de um missionário português anónimo e do carmelita descalço italiano Francisco Xavier de Santa Ana, O.C.D. [Francesco Saverio di Sant’Anna] (1771 – 1844), respetivamente, a saber:

1857: *Grammatica da lingua Concani, composta pelo padre Thomaz Estevão, e acrescentada por outros padres da Companhia de Jesus;*

1858: *Grammatica da lingua Concani no dialecto do norte, composta no seculo XVII por hum missionario portuguez, e agora pela primeira vez dada á estampa;*

1859: *Grammatica da lingua Concani, escrita em Portuguez por um missionario Italiano;*

1868: Dicionario Portuguez-Concani, composto por um Missionario Italiano.

Assim, nesta comunicação propomo-nos a estudar a ação de Cunha Rivara contra “o desprezo da lingua materna” (Rivara 1857b: CXIII) por parte dos Goeses, a repercussão da sua intensa atividade editorial em defesa do Concani e a sua importância para o desenvolvimento dos estudos linguísticos do Concani.

27. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL

HELENA CHRYSTELLO, Vice-Presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos Colóquios desde o primeiro Colóquio da Lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e Mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema **Da Língua à Interculturalidade**: um estudo de caso, pela Universidade Aberta.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Lecionou, desde 1976 - 1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).

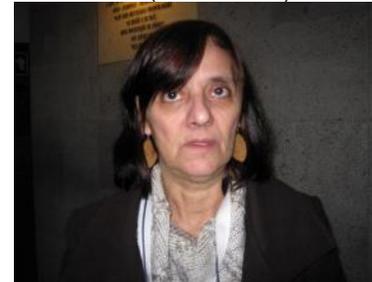


EIA 2014



MAIA 2013

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988).



LAGOA 2012

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – Judite Jorge.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Coautora com a Professora Doutora M^a Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras".

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.



Sta. Maria 2011

2013 (Gouveia na cadeira de Vergílio Ferreira)

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO
TOMOU PARTE EM TODOS OS 24 COLÓQUIOS.
LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.
MODERA SESSÕES**

28. HELENA GIL COUTINHO, TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA, VILA REAL



Já tomou parte como DIRETORA REGIONAL DE CULTURA DO NORTE em Colóquios em Bragança entre 2003 e 2010.

TEMA - APRESENTA OBRA DA TERTÚLIA DE JOÃO ARAÚJO CORREIA

29. INÉIA DAMASCENO ABREU, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, BRASIL



Inéia Damasceno Abreu cursou Letras Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará, onde também fez o curso de Mestrado em Linguística, concluído em 2007.

Cursou Letras Habilitação em Língua Inglesa na Universidade da Amazônia e concluiu seu curso também em 2007.

É professora de Linguística Românica e Língua Latina da Universidade Federal do Pará, no campus de Castanhal e atua na área de Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa.

Atualmente faz doutoramento na Universidade de Aveiro (Portugal), no Departamento de Educação, onde investiga a respeito da formação do professor de Língua Portuguesa para a diversidade linguística e cultural e para a valorização e a difusão da língua.

Seu projeto de investigação intitulado "Formação de Professores de Português no Pará para a Diversidade Linguística e Cultural e para a valorização e difusão da língua" é orientado pela professora doutora Maria Helena Ançã (Universidade de Aveiro) e coorientado pela professora doutora Zilda Laura Ramalho Paiva (Universidade Federal do Pará).

TEMA POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS NO PARÁ, INÉIA ABREU (UA), MARIA

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

HELENA ANÇÃ (UA), TEMA: LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA. SUBTEMA: POLÍTICA DA LÍNGUA

Este texto terá como objetivo refletir sobre as Políticas Linguísticas (PL) para a Formação de Professores de Português (FPP) para a Diversidade Linguística e Cultural (DLC) no Pará (Brasil).

O Brasil é um país que apresenta grande DLC, fruto tanto do contato entre os povos autóctones e os colonizadores que nesse território se instalaram há mais de 500 anos, quanto da imigração de diferentes povos do mundo.

No estado do Pará (Brasil), três comunidades que apresentam características próprias relacionadas à DLC merecem destaque: a comunidade indígena, a quilombola¹ e a japonesa.

Atualmente são reconhecidas cerca de 170 línguas indígenas em todo o Brasil, das quais 150 estão na Amazônia. Da mesma forma, é conhecida a existência de 240 comunidades quilombolas, remanescentes dos escravos africanos que foram levados para trabalhar nas fazendas de gado e nas plantações de cacau no Baixo-Amazonas.

Outra comunidade de destaque no Pará são os imigrantes japoneses, que chegaram a esse território no final da década de 1920 e início de 1930.

Ao chegar a Belém, 189 japoneses dirigiram-se para o interior, estabelecendo-se em diversas cidades e lá iniciaram trabalhos agrícolas.

Assim, este trabalho abordará a DLC no Pará, a diversidade intralinguística do Português a nível mundial e também as ações para a valorização e difusão da Língua Portuguesa em relação à FPP para a DLC. A necessidade de preparar os professores para a DLC se justifica não só pelo fato da língua ser objeto de ensino em contexto profissional, mas também porque, enquanto educadores, os professores de LP são atores essenciais na promoção do respeito à diversidade e na valorização e difusão da LP.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

30. ISAAC ESTRAVIZ, AGAL, AGLP, GALIZA,



¹ Remanescentes dos escravos africanos.

Seia 2014

GALIZA 2012

Isaac Alonso Estraviz é um lexicógrafo galego. Nascido em 1935, licenciou-se em Filologia Românica em 1977 e doutorou-se em Filologia Galega pela Universidade de Santiago de Compostela em 1999.

Foi professor de Didática da Língua e Literatura Galegas na Universidade de Vigo (campus de Ourense), membro da Comissão Linguística da Associação Galega da Língua (partidária do Reintegracionismo) ou aproximação do galego ao português) e do Conselho de redação da revista *Agália*, ademais de vice-presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa.

Em 1986 formou parte da delegação galega que participou com a categoria de observadora no Encontro sobre a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa.

Como lexicógrafo, é autor de várias obras sobre o léxico galego, merecendo especial destaque o *Dicionário da língua galega* (Ed. Sotelo Blanco, 1995), redigido originariamente na normativa do galego chamada reintegracionismo *de mínimos* e anos depois adaptada para o *reintegracionismo de máximos* (mais próximo da ortografia portuguesa).

Esta última versão está disponível para consulta livre na internet com o nome de [e-Estraviz](#).

PUBLICAÇÕES

- *Contos con reviravolta: arando no menceir*, Castrelos, 1973
- *Dicionário galego ilustrado "Nós"*, Nós, 1983
- *Dicionário da língua galega*, Alhena, 1986
- *Estudos filológicos galegoportugueses*, Alhena, 1987
- *Dicionário da língua galega*, Sotelo Blanco, 1995
- *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes: epistolário*, Ed. do Castro, 2000. Esta obra foi realizada em colaboração com junto com Eloísa Álvarez, da Universidade de Coimbra (Portugal).

TEMA ATIVIDADES DE IRMANDADES DA FALA NA DÉCADA DOS OITENTA NO NORTE DE PORTUGAL, ISAAC ALONSO ESTRAVIZ

Na década dos oitenta um grupo de pessoas de **Irmandades da Fala, O Ensino e Associação de Amizade Galiza-Portugal**: José Luís Fontela, José Paz, Adela Figueroa, economista Prieto Lamela e quem isto escreve, entre outros, dedicamo-nos a deixarmos constância pública o que Pessoa e Castelão afirmaram da nossa língua, como veremos mais adiante.

Eu sempre senti um grande orgulho de ter nascido na terra galego-portuguesa à que quero e amo apaixonadamente. Uma terra com tantas idílicas paisagens e a língua mais bela e rica das derivadas do latim!!! Nestes montes as nossas gentes ainda

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

continuam a falarem quase como os latinos que cá estiveram!!! Somos uns privilegiados com o grande tesouro cultural e linguístico que nos legaram os antepassados. Por isso ao galego-português que se sente atraído pelo inglês considero-o um alienado! Foram muitos séculos de menosprezo e colonialismo na parte galega. Ainda hoje querem varrer-nos do mapa. Mas tudo está a mudar e nós devemos lutar com paixão para que a nossa língua e cultura floresçam como em tempos passados.



2012



GALIZA

TOMA PARTE PELA QUINTA VEZ DEPOIS DE BRAGANÇA 2006, 2007, GALIZA 2012, SEIA 2014.

31. ISABEL M ALVES, UTAD E TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA



Isabel Maria Fernandes Alves - Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Ingleses), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987.

Professora de estudos anglo-americanos na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 1988, fez um doutoramento sobre a escritora norte-americana Willa Cather: *Fragmentos de Memória e Arte: Os Jardins na Ficção de Willa Cather*.

Nos últimos anos, e para além de estudar autores americanos: Henry D Thoreau, Sarah O. Jewett, Ruth Suckow, Barbara Kingsolver, Jamaica Kincaid, Mary Oliver, tem

vindo a interessar-se pela relação entre literatura e paisagem, escrita da natureza e ecocrítica.

Tem também desenvolvido estudos na área da literatura comparada; escreveu sobre Júlio Dinis, Miguel Torga e A.M. Pires Cabral.

Publicou, em coautoria com Hercília Agarez, as antologias:

Aqui e Agora Assumir o Nordeste: Antologia de Textos de A.M. Pires Cabral. Lisboa: Âncora Editora, 2011.

Por longos dias, longos anos, fui silêncio: Uma antologia de autoras transmontanas. Lisboa: Âncora Editora, 2015.

TEMA "POR AMOR À ÁRVORE: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA ESCRITA NÃO FICCIONAL DE JOÃO ARAÚJO CORREIA", ISABEL MARIA FERNANDES ALVES – UTAD. TEMA 1: AUTORES E TEMAS LOCAIS. SUBTEMA: TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA

Partindo da ideia de Onésimo Teotónio Almeida acerca do desinteresse dos portugueses pela natureza em geral, pelas árvores em particular, este texto pretende ler João Araújo Correia (1899-1985) como um escritor cujos textos manifestam uma forte paixão pelo mundo natural.

Nesse sentido, e usando uma perspetiva ecocrítica, abordagem que sublinha o imaginário rural de João Araújo Correia, pretendo demonstrar que a sua visão de ontem é pertinente e eficaz na compreensão do mundo de hoje.

Assim, esta reflexão em torno da árvore na escrita não ficcional de João Araújo Correia pretende, num primeiro momento, refletir sobre a árvore a partir de uma visão humanista, aquela que, precisamente, João Araújo Correia defende.

Num segundo momento, olhar-se-ão os textos do autor e tentar-se-á apurar de que modo as suas considerações configuram uma nova conceção do mundo de que fala, por exemplo, Viriato Soromenho Marques, e da necessidade, neste século vinte e um, da recuperação de uma agricultura ecológica, referida por Gonçalo Ribeiro Telles, aspetos estes que, por seu lado, estão no centro do pensamento ecocrítico.

A ecocrítica chama a atenção dos leitores para a necessidade de uma revisão dos valores éticos relativamente à compreensão do ser humano na sua relação com o não humano.

A escrita não ficcional de João Araújo Correia, a par das muitas reflexões acerca da vida humana, sobretudo a que se desenvolve na região do Douro, é uma fonte de interesse para todos aqueles que pretendam entender a crise ambiental, pois revela-se minuciosa no modo como descreve a devastação da terra e os malefícios de um progresso a qualquer preço e persistente na forma como aponta o empobrecimento que o desinteresse dos portugueses pelas árvores implica.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

**32. JOÃO CARLOS LOEBENS, DOUTORANDO
UNIVERSIDADE DE ALCALÁ, ESPANHA, ASSISTENTE
PRESENCIAL**



EM SEIA 2014

TOMOU PARTE NO 22º COLÓQUIO

**33. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS
CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL) - AICL, PATRONO DESDE 2007**



MACAU 2011

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.



MAIA 2013

É Professor Convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia.

Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de Mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia.

Editou obras como A Língua e a Sua Estrutura, A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue*

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

étrangère, A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade



Graciosa 2015

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.



SEIA 2013



MOINHOS 2014

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL.

TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA. INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS



Graciosa 2015

34. JOÃO MARTA, AICL, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL



Seia 2014

se

É SÓCIO DA AICL.



Seia 2014 Seia 2014

TOMOU PARTE PELA 1ª VEZ NO 22º COLÓQUIO EM SEIA 2014 E DEPOIS NO 24º NA GRACIOSA 2015

35. JOSÉ ANTÓNIO BARBOSA, PRESENCIAL PORTUGAL

36. JOSÉ ANTÓNIO CABRITA, PORTUGAL, AICL



JOSÉ ANTÓNIO CABRITA toma parte pela primeira vez para apresentar - na sessão de abertura - a obra *Na lonjura de Timor/lha dook rai timor*, sobre deportação política para Timor...

José António Cabrita nasceu no ano de 1949.

Estudou sociologia, e foi essa maneira de perceber como as pessoas interagem, se organizam e protagonizam a mudança, que ensinou por muitos anos.

Sobre o assunto, por vezes em grupo, redigiu um punhado de escritos, uns, que não romperam as paredes da academia, outros, muito poucos, que por aí andam, à disposição de quem se interesse: "Imagens da integração: representações sociais sobre a integração da agricultura portuguesa na Comunidade Europeia" (1992), *Entre a Gândara e a Terra Galega* (1998), *José Maria dos Santos. E antes de "grande agricultor"?* (1999), "Folclore da região caramela ou folclore de feijão caramela de entre Tejo e Sado?" (2000), *Rio Frio, retrato de uma grande casa agrícola* (2006), e *A fortuna de um fazedor de sonhos* (2009).

De Timor, onde já fez vida por três vezes, esse chamamento da rai timor (às vezes em forma de brado) que deu em tomar-lhe os sentidos vai para mais de quarenta anos, são alguns os seus interesses de estudo e reflexão, de que vai dando conta nos diversos apontamentos que divulga em espaços públicos, ou em raras publicações, como: *A reconstrução de Timor: o exemplo da "ET Wave - Mulheres de Timor-Leste Contra a Violência e pelo Cuidado das Crianças"* (2001), e "Expressões de uma lusofonia doída. Casos de deportação política para a lonjura de Timor" (2015).

A editora Crocodilo Azul

Títulos editados:

Rui Brito da Fonseca, *16 Postais de Timor-Leste*

Rui Brito da Fonseca, *Monumentos Portugueses em Timor-Leste*

Paulo Braga, *Timor 1930, país de sonho e encantamento*

Francisco Xavier de Menezes, *Encontro de Culturas em Timor-Leste*

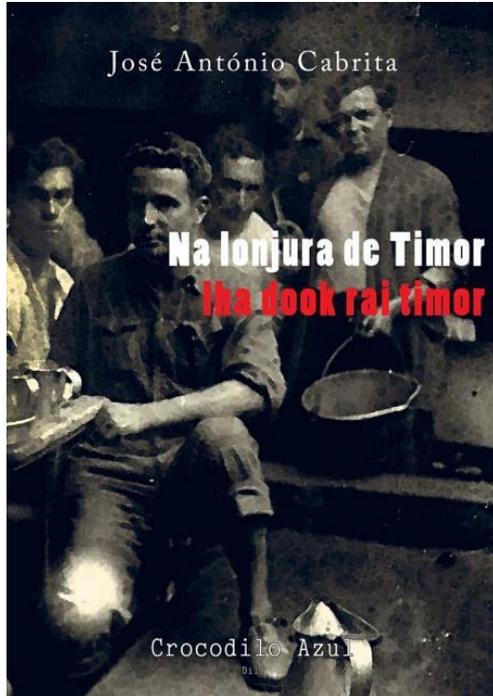
Francisco Xavier de Menezes, *Timor, uma paixão*

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Neftali da Costa Fonseca, *Estórias de Riba-Côa* (fora da coleção)
Rui Brito da Fonseca, *César Mousinho, um Herói esquecido de Timor-Leste*
José António Cabrita, *Na lonjura de Timor/Iha dook rai timor*.

Próximos títulos:

Joachim Metzner, *O Homem e o Meio Ambiente em Timor-Leste*
Rui Brito da Fonseca, *Monumentos, Fortes e Tranqueiras Portuguesas em Timor-Leste*



Na lonjura de Timor / Iha dook rai timor. JOSÉ ANTÓNIO CABRITA

Uma apresentação - O livro

Timor, a mais distante, a menos conhecida, a mais *enfeitadora* parcela desse canto europeu, cujo alto Império o Sol, logo em nascendo vê primeiro, foi também terra de muitos degredos. E de algumas deportações de pendor acentuadamente político.

Anarquistas, deportados políticos, deportados sociais, cadastrados, ou vadios, assim denominados, a certo tempo, chegaram a compor a sociedade timorense com um contingente de cerca de meio milhar de homens. Alguns não resistiram às duras condições de vida; outros ali ganharam impulso para outros destinos, havendo um que alcançaria, até, um dos mais altos lugares da administração colonial; outros, ainda, se ficaram pela *ilha verde e vermelha de Timor*, construindo família e forjando um

património material e social de grande vulto; e houve quem, vencido o tempo da pena, voltasse às suas origens para continuar a lutar pelos seus ideais.

Este escrito, de que se desejou um título – Na lonjura de Timor - Iha dook rai timor - escrito nas línguas constitucionalmente oficiais em Timor-Leste, dá conta de alguns desses casos de deportação política e a sua edição acontece num momento em que se comemora meio milénio desde que aquelas duas línguas se encontraram, para dar começo a um futuro inevitavelmente comum.

É SÓCIO AICL
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

37. JOSÉ BARBOSA MACHADO, UTAD



JOSÉ BARBOSA MACHADO nasceu em 1965 em Braga.

Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1992.

Fez mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho em 1997.

Fez o doutoramento em Linguística Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2002; apresentou provas de Agregação em 2009, também na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Atualmente é Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da mesma universidade.

Tem-se dedicado à edição e ao estudo das primeiras obras impressas em Língua Portuguesa.

Publicou, entre outras, o "*Sacramental*" (1488), o "*Tratado de Confissom*" (1489) *Estudo Histórico e Informático Linguístico* (2003); e a "*Vita Christi*" (1495)., *Introdução à História da Língua e Cultura Portuguesas* (2009); *Estudos de Língua Portuguesa* (2012).

jleon@utad.pt>

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

TEMA 2.2 OS PRIMEIROS LIVROS IMPRESSOS EM LÍNGUA PORTUGUESA, JOSÉ BARBOSA MACHADO, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, DLAC, JLEON@UTAD.PT

A imprensa em Portugal, ao contrário da maioria dos países europeus, foi introduzida tardiamente e o número de livros impressos até 1500 é bastante reduzido. O primeiro livro conhecido é o Pentateuco, impresso em Faro em 1487, em língua e caracteres hebraicos. Na Itália, na França e em Espanha já duas décadas antes se imprimiam livros. Não há qualquer explicação lógica, quer para a demora da chegada da imprensa a Portugal, quer para a sua fraca expansão. É em 1488, no reinado de D. João II, que surgem os primeiros folhetos e livros impressos em língua portuguesa. Na nossa comunicação faremos uma breve apresentação de todas as obras impressas em língua portuguesa entre 1488 e 1500.



FUNDÃO 2015

JÁ TOMOU PARTE NO 8º COLÓQUIO, BRAGANÇA 2007 E NO 23º COLÓQUIO FUNDÃO 2014

38. JOSÉ DIAS BAPTISTA, EM REPRESENTAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

José Dias Baptista nasceu na Vila da Ponte, Montalegre, de pai comerciante e mãe doméstica, em 24 de julho de 1941. É o segundogénito de seis irmãos que antes de entrarem na Escola já sabiam ler, escrever e contar, fruto das ideias avançadas da progenitora que viveu muitos anos à frente do seu tempo. Dela se pode dizer o que uma família romana gravou no mármore do túmulo da matrona Cláudia: "*Casta vixit, lanam fecit, domum servavit*" ou seja, «viveu castamente, vestiu a família (no corpo, no caráter e no espírito) e foi escrava da sua casa.»

Frequentou o Seminário de Vila Real de 1952 a 1958, seguindo a secular tradição familiar igual à de outras famílias de Barroso.

Licenciou-se em Ciências da Educação e exerceu a profissão de Orientador Pedagógico durante vinte anos, pós-graduou-se em Animação Sociocultural e foi Inspetor Principal da Educação, completando 44 anos de trabalho para o Estado, incluindo três anos de Serviço Militar Obrigatório, os dois últimos, entre julho de 1966 e

julho de 1968 como Alferes Miliciano de Artilharia na Guiné-Bissau, tendo comandado o 1º Pelotão de Caçadores Naturais formado por 40 militares negros e cinco brancos.

É jornalista, poeta, ensaísta, investigador, contista, etnógrafo, crítico e pedagogo.

Continua feliz por nascer e viver em Barroso onde espera morrer.

É o autor das obras "O País Barroso I (Os termos); II (Os Castelos); III (Os Rios) e da apreciável obra "Contos Tradicionais de Barroso".

Dirige uma vez por mês o encontro "Conversas com História" no espaço do Ecomuseu de Barroso, em Montalegre.

José Dias Baptista é o autor das obras "O País Barroso I (Os termos); II (Os Castelos); III (Os Rios) e da apreciável obra "Contos Tradicionais de Barroso", entre outras.

Dirige uma vez por mês o encontro "Conversas com História" no espaço do Ecomuseu de Barroso, em Montalegre.



Representa a Câmara Municipal de Montalegre neste Colóquio
VER <http://www.cm-montalegre.pt/downloads/LivroMontalegre.pdf>

TEMA BENTO DA CRUZ

39. JOSÉ PAZ RODRIGUES, (ACADÉMICO DA AGLP E PRESIDENTE DA ASPGP), AICL, GALIZA, ÍNDIA

É Professor de EGB (em excedência desde 1971), Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta "Cidade dos rapazes" de Ourense (1973).

Obteve o Doutoramento na UNED com a Tese "Tagore, pioneiro da nova educação". Entre outras, realizou as seguintes atividades profissionais: Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde o curso 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e Diretor nos últimos três meses do curso 1989-90.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense).



Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo.

Levou adiante atividades educativas e de renovação pedagógica: Presidente da Federação Galega de MRPs (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP "ASPGP" (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje;

Membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRPs (Barcelona, dezembro de 1983);

Membro da Comissão redatora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990);

Presidente da Comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, iniciadas em 1976 até 2007;

Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui, Comarca do Baixo-Minho, Verim, Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubião, Lalim, Vimianço; das Jornadas Socioeducativas de Valdeorras, Riba d'Avia, Celanova, Ponte Vedra;

Organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico, cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema.

Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo.

No presente pertence ao Conselho redatorial da Revista Agália.

Para além disso, foi Decano do Colégio Provincial de Doutores e Licenciados de Ourense (1980-1985); diretivo do Cine Clube "Padre Feijóo" de Ourense (1972-1995); e vogal da Federação Galega de Cine Clubes.

Tem publicado: *A festa dos maios na escola* (1991), Ourense, ASPGP. Artigos sobre temas educativos e sobre Tagore, nas revistas O Ensino, Nós, Cadernos do Povo, Vida Escolar, Comunidad Educativa, Padres y Maestros, BILE, Agália, Temas de O ensino, The Visva-Bharati Quarterly, Visva-Bharati Potrika e Jignasa (em bengali), Artigos sobre tema cultural, nomeadamente sobre a Índia, no Portal Galego da Língua, A Nosa Terra, La Región, El Correo Gallego, A Peneira, Semanário Minho, Faro de Vigo, Teima, Tempos Novos, Bisbarra, Ourense.

Unidades didáticas sobre Os magustos, Os Direitos Humanos, A Paz, O Entroido, As árvores, Os Maios, A Mulher, O Meio ambiente; Rodrigues Lapa, Celso Emílio Ferreira, Carvalho Calero, São Bernardo e o Cister em Ourense, em condição de coordenador do Seminário Permanente de Desenho Curricular dos MRPs ASPGP e APJEGP.

Nota: reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.



GRACIOSA 2015

TEMA PRESENÇA DO GALEGO-PORTUGUÊS NA LÍNGUA DE BENGALA, POR JOSÉ PAZ RODRIGUES (ACADÉMICO DA AGLP, PROFESSOR REFORMADO DA UNIVERSIDADE DE VIGO)

O grande Luís de Camões escrevia no Canto sétimo, estrofe 20, de *Os Lusíadas* um formoso verso que diz: "*Terra de Bengala, fértil de sorte que outra não lhe iguala*". Eu que tenho a imensa sorte de vir e morar aqui, por vários meses desde 2001, posso testemunhar que o nosso poeta tem grande razão. Não só é uma terra como um grande vergel que produz de tudo, senão que a sua natureza é tão bela e maravilhosa, que não me estranha nada que fosse ao longo da história a que mais poetas desse à Índia: Dotto, Derozio, Lhoidev, Lhivonanando Das, Sen Gupto, Mukundo Ram Das, Otul Sen, Chondidas e, sobretudo, Robindronath Tagore.

Quando falo de Bengala estou a referir-me ao território que abrange o atual país independente de Bangladeche e o estado indiano de Bengala Ocidental cuja capital é Calcutá, com nome oficial atual de Kolkata.

Os britânicos, que praticaram na Índia um colonialismo verdadeiramente selvagem, contra a vontade de todos os indianos, obrigaram a dividir a Bengala em duas no ano

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

1905, tema que provocou imensos problemas de todo o tipo, muitos dos que ainda hoje pervivem.

Bengala foi sempre a vanguarda cultural deste grande país, em que tão à vontade me encontro. Os escritores, educadores, cientistas, pensadores, artistas, reformadores sociais e vultos mais importantes indianos foram na sua maioria de Bengala. Por isto os ingleses, seguindo o antigo modelo dos romanos de utilizar a estratégia de “Divide e vencerás”, no ano 1905, como venho de comentar, partiram Bengala em duas.

Para restar forças à nação bengalesa, que foi pioneira na luta pela independência. Kolkata continua a ser reconhecida como a cidade mais culta da Índia.

Em que mais se lê, mais se escreve, mais livros se vendem, mais artistas criam, mais tertúlias existem, e onde cada dia se esgotam os cinco jornais publicados em inglês, os seis em bangla e os sete em hindi. Indicador do que antes venho de mencionar.

TOMA PARTE PELA SEGUNDA VEZ DEPOIS DE TER ESTADO NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA EM 2015

40. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO E AICL, PRESENCIAL,

José Soares (de Abrantes Reis), nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador.

Formação em Comunicação Social e História.

Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.

Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos.

Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta.

Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

Publicou em 2014 o livro de crónicas “Barcos de Palha”.



MAIA 2013

OINHOS 2014



MOINHOS 2014

SEIA 2014

É SÓCIO DA AICL, ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL
VOGAL DO CONSELHO FISCAL DA AICL
PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2007, 11º LAGOA 2009,
17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS 2014 E 22º SEIA 2014, 24º
GRACIOSA 2015

41. JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS, DOUTORANDA DA UNIVERSIDADE DE ALCALÁ, ESPANHA, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL

Brasileira, Doutoranda em Literaturas Comparadas pela Universidad de Alcalá de Henares – Madrid – Espanha.

Especialista em Leitura e Produção de Textos no Ensino da Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário Ritter do Reis - Porto Alegre -RS, Graduada em Letras Licenciatura Plena, pela Universidade de Passo Fundo – RS – Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira em Escolas do Governo Estadual, há mais de dez anos.

Atualmente professora de Português como Língua estrangeira para executivos, na Espanha. Com artigos publicados em Espanha e no Brasil e apresentações de trabalhos em diversos congressos importantes.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Alguns trabalhos publicados:

1. FERREIRA LOEBENS, Jucélia, JABELUFA, Sérgio. **A interferência da língua portuguesa na aprendizagem da língua espanhola.** Sessões de Comunicações Integradas Línguas Estrangeiras - SELES – SELM – Universidade de Passo Fundo – RS. (outubro 2006).
www.upf.br/selesselm/arquivos/7SessoesDeComunicacaoeIntegradasDia24.pdf
2. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Leyendas urbanas y rurales de Brasil contadas por brasileños que viven en Alcalá de Henares, Madrid.** *Culturas Populares. Revista Electrónica* 1 (enero-abril 2006). ISSN 1886-5623.
<http://www.culturaspopulares.org/textos%20I-1/articulos/Ferreira.htm>
3. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Escrituras Populares y españolas: las carpetas de adolescentes desde una perspectiva comparatista.** *El Filandar/O Fiandeiro. Publicación de Cultura Tradicional*, n. 16. Asociación Etnográfica Bajo Duero (Zamora) – 2005. Pp.16 a 20.
4. ARALDI, Lilian C., FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Intertextualidade: uma prática de respeito às diferenças.** Anais: II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade e tolerância. II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. (Passo Fundo – RS) 2005, pp.1 a 8.
ISBN - 85-7515-333-1
5. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. “Alma desnuda”. *Pétalos de Pasión. Antología Poética.* Centro de Estudios Poéticos. Ed. Mecopress, Madrid, 2006. p.181.
6. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **La descripción de la mujer en Don Quijote y Vinicius de Moraes: comparaciones a través de la mirada intertextual.** *Liceus* – El portal de las Humanidades.



Seia 2014



Seia 2014

JÁ TOMOU PARTE EM COLÓQUIOS ANTERIORES EM 2007 BRAGANÇA E NO 22º EM SEIA 2014

42. LAURA AREIAS, CLEPUL, UNIV DE LISBOA E AICL



MOINHOS 2014

LAURA AREIAS, nasceu em Portugal.

PhD, Tulane University, Luisiana. EUA

De 1884 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA); Professora convidada em Baucau (Timor-Leste) e Porto Rico.

Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono.

Conferências, artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos.

Integra o Grupo 6 do CLEPUL desde 2008.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fautoches. Licenciada em Filologia Clássica, na Universidade de Lisboa, Doutora pela Tulane University of Louisiana, de Nova Orleães, USA, em estudos portugueses e brasileiros.

Desde 1973 tem lecionado em Portugal, Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães, Timor-Leste, e Porto Rico.

Tem publicado livros e artigos nas áreas da sua especialidade: Humor e Insularidade.

É membro fundador da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies, Filadélfia, desde 1996 e, de 2008 investigadora do Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da FL, Universidade de Lisboa.

É violinista amadora.

TEMA “DUAS DITADURAS, DOIS ROMANCES: NUM MESMO SOFRIMENTO, TRAGÉDIA E SARCASMO”

Dois países, falantes da mesma língua, viveram no século XX - ainda tão perto de nós que o podemos recordar - regimes ditatoriais: Portugal e Brasil.

Quarenta, trinta anos passados, ainda se buscam explicações, justificações, quiçá para amenizar o sofrimento dos que perderam os seus ou dos que chegaram mutilados física ou psicologicamente.

Na América latina ainda se buscam dramaticamente os desaparecidos... É preciso, sobretudo, resgatar a memória para que não se repita, embora se repita sempre...

Motivada pela data deste evento, escolhi dois autores que conheço pessoalmente, cuja obra tenho estudado e que em dois romances, ora reagem trágica ora ironicamente aos acontecimentos sofridos.

Maria José Silveira, ela própria e o marido perseguidos e refugiados políticos no Chile, de convicções inabaláveis; Álamo Oliveira que, apesar de habituados ao seu sarcasmo e à sua ironia, nos surpreende com os heróis de 60 e com a bonomia tragicómica e a destreza com que combina um assunto ilhéu, nacional, e bíblico.



MAIA 2013

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM 2013 NA MAIA, NO 21º MOINHOS EM 2014

43. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA,
luciano.pereira@ese.ips.pt



MAIA 2013

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português - Francês);
Mestre em Literaturas Medievais Comparadas;
Doutor em Línguas e Literaturas Românicas
Provas Públicas para Professor Coordenador

1. Comunicações e artigos:

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
 - *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
 - *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
 - *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
 - *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
 - *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
 - *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
 - *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
 - *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
 - *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
 - *Vitorino Nemésio : Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
1. *Ensaio: (A fábula em Portugal)*

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

2. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração): (A cidade)



MOINHOS 2014

SEIA 2013



Maia 2013

FLORIPA, BRASIL 2010

3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982 - 1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986 - 2016)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990 - 1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995 - 1996)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2016)
- Presidente dos Júris das Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014 - 2016).



BRASIL, FLORIPA 2010

GRACIOSA 2015

4. DISCIPLINAS LECIONADAS:

- Língua portuguesa, Globalização das expressões, Literatura para a infância, Introdução à Literatura comparada, Retórica e argumentação, Culturas populares, Comunicação e património literário, Língua e cultura portuguesas para estrangeiros...



FUNDÃO 2015

TEMA O MAU-OLHADO NA CULTURA POPULAR, LUCIANO PEREIRA, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL (ESE)

O *mau-olhado* na tradição portuguesa, tal como no mundo islâmico, expressa um desejo de tomada de poder sobre algo ou sobre alguém, por inveja ou má intenção. Diz-se ser a causa da morte de metade da humanidade. Existem, felizmente, meios de o combater e dele se prevenir: rezas e orações, amuletos, tais

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

como os véus, algumas representações geométricas, fumigações odoríferas, ferro vermelho, sal, chifres, meias-luas, figas, ferraduras, as chamadas mãos de Fátima (a filha do profeta),...

As tradições do norte da Europa e, em particular as irlandesas estão repletas de lendas e mitologias em que a cegueira, e os poderes da visão desempenham um papel fundamental na magia, na guerra e no exercício do poder. A mitologia greco-latina atribui a certos seres a capacidade de petrificar os que têm a infelicidade de os fitar, frequentemente, no único olho que possuem.

A cultura tradicional portuguesa apresenta-nos um conjunto de elementos que, das mais variadas formas perpetuaram as mais antigas crenças indo-europeias. Nesta comunicação, daremos um particular destaque à função que os olhos desempenham na literatura tradicional de expressão oral, e, em particular, nos géneros narrativos, tais como nos contos e nas lendas, assim como no cancionero popular. Na medicina e na religiosidade popular, os olhos aparecem sobretudo associados ao mau-olhado, aos quebrantos, às invejas e às cegueiras, doenças sociais que marcam a ferro e a fogo os indivíduos que as alimentam e delas se tornam verdadeiras vítimas tais como tão bem o têm observado poetas (F. Pessoa) e filósofos, tais como José Gil. Perante tamanha desgraça, propõe-se um ritual de bênção coletiva. Preparemos água e azeite: "*Portugal, Portugal, Portugal, dois olhos te puseram olhado, três to tiraram, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo...*".

SÓCIO FUNDADOR DA AICL

MEMBRO DO CONSELHO FISCAL

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

MODERA SESSÕES

44. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL, PORTUGAL



LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO é Doutorando em Pós-colonismos e Cidadania Global com a Tese "Pelo Sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui", do (CES - FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Colaborador do projeto (CES - FCT) "De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais".

Membro do GAIEPC Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais. Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação "CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão".

Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), é professor reformado, ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGEX (Direção Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), fundador da AICL, formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação.

Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro.

Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais.

Escritor, ensaísta, investigador CES.



GALIZA 2012



MAIA 2013

TEMA 2.9. AS CULTURAS DO SUL ATLÂNTICO E A IBEROFONIA: IDENTIDADES, TRANSCULTURAÇÕES E NOVAS IDENTIDADES. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

A expansão que os “descobrimientos” abriram foi iniciada pelos portugueses e espanhóis. Seguiu-se a colonização dos espaços marginais atlânticos na América e na África. As línguas portuguesa e castelhana foram os veículos principais das transculturações produzidas nessa grande área geográfica.

Os sistemas económicos iniciaram uma economia global capitalista, onde os centros e as periferias tinham uma relação de dominador-dominado e que encontrava no tráfico dos escravos de África para a América e muitas vezes no extermínio dos índios americanos e na segregação sociocultural dos mestiços ou crioulos, as bases racistas do contraditório pensamento iluminista.

Nestas convulsões culturais importa salientar o papel desempenhado pela tradução cultural quando os paradigmas de racionalidade se encontram radicados em diferentes *topoi*, isto é, esferas de racionalidades tão distintas que se tornam irredutíveis de tradução.

É o caso da urgência duma hermenêutica diatópica que pode aproximar os conceitos desiguais.

Assim, a entrada na modernidade efetiva da América Latina (incluído o Brasil que é metade dela) não se deu com as independências liberais do início do século XIX, mas na segunda metade do século XX, com uma democratização efetiva das culturas resistentes e hibridizadas.

Em África, se bem que a modernidade tivesse sido introduzida após a Conferência de Berlim (1895), totalmente em moldes coloniais, apenas após as independências decorridas nos anos 60 em diante ela foi conquistada pelos africanos autóctones.

Uma modernidade tardia na América Latina e uma pós-modernidade africana conduziram à reformulação dos imaginários, com todos os processos históricos de relações colonizadores-colonizados, centros-periferias, racismos e epistemicídios, eurocentrismos e globalização. Mas, sem renegar as histórias e violências, tantos destes povos do Sul Atlântico reconstróem os seus imaginários, desta vez por suas próprias mãos e já não pela invenção de Áfricas e Américas, em português e castelhano.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

MODERA SESSÕES.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014

45. MAITÊ CARAMÊS, GALIZA, ASSISTENTE PRESENCIAL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

46. MANUEL J SILVA, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA E AICL

MANUEL JOSÉ SILVA, investigador da Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade de Caen (França) com um “Doctorat d’État” intitulado *Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain* (1991). Tem participado em numerosos Colóquios, nacionais e internacionais, havendo publicado um número considerável de artigos científicos. Em 2008, publicou o ensaio intitulado *La langue française et l’histoire*, encontrando-se, atualmente, a preparar um ensaio subordinado ao tema D. Sebastião na literatura portuguesa contemporânea. Apresenta trabalho conjunto com **ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS**

Tabucchi E Vila-Matas: Uma Convergência Açoriana De Olhares?

Cristóvão De Aguiar: Para Uma Poética Da Montanha E Do Mar



MAIA 2013



Bragança 2010



BRASIL - FLORIPA 2010

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

PARTICIPOU NO 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º EM BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 19º MAIA 2013

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

47. MANUEL MARTINS FREITAS, TERTÚLIA JOÃO ARAÚJO CORREIA



Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra desde 22-7-1976
Advogado no Peso da Régua desde 1978
Mestre em Cultura Portuguesa pela UTAD desde 2010
Tem colaboração em jornais regionais, e realizado conferências
Editei em 2013 o livro "*João de Araújo Correia - Cronista das Gentes do Douro*"
Este livro obteve em 2015 o prémio: A. Lopes de Oliveira de Oliveira - CMF (um 1º prémio) patrocinado pela Câmara Municipal de Fafe.

TEMA JOÃO ARAÚJO CORREIA – ETNOGRAFIA DA VINHA E DO VINHO

O escasso tempo de que disponho não dá para uma abundante explanação do tema e ainda bem.

A exposição a que me proponho abordar diversa etnografia do Douro - sobre que se debruçou João de Araújo Correia - especialmente, a etnografia da vinha e do vinho, com destaque para fainas, profissões, alfaias agrícolas, instrumentos, luzes, vasilhame, siglas, vocábulos, alimentação: culinária e doçaria e veículos do vinho: carro de bois e barco rabelo.

A metodologia do estudo abrange um período de cerca 50 anos antes da morte do escritor em 31.12.1985 e acompanhará a descrição de Araújo Correia desde a obra "*Sem Método*" e demais livros de crónicas, incluindo os seus escritos no jornal *O Arrais* desde 23.3.1978 até ao fim dos seus dias.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

48. MARIA ALICE DE SÁ, S MIGUEL, AÇORES, PARTICIPANTE PRESENCIAL (VIÚVA DO ESCRITOR DANIEL DE SÁ)

PRESENTE EM COLÓQUIOS ANTERIORES, 19º MAIA 2013, 24º GRACIOSA 2015



GRACIOSA 2015

49. MARIA DA ASSUNÇÃO ANES MORAIS, A. E. VILA POUCA DE AGUIAR, E AICL



Maria da Assunção Anes Morais, natural de Chaves, licenciada em Humanidades pela UCP - Faculdade de Filosofia de Braga e Mestre em Ensino das Língua e Literatura Portuguesas, pela UTAD.

Professora de Português e Latim, em Vila Pouca de Aguiar.

Publicou obras dedicadas a Miguel Torga:

"Padre Avelino – Memórias do pároco de S. Martinho";

"Negrilho – Homenagem a Miguel Torga".

"ENTRE QUEM É! - Tradições de Trás-os-Montes e Alto Douro no «Diário» de Miguel Torga".

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

É sócia de várias associações culturais e literárias como a Tertúlia João de Araújo Correia, Academia de Letras de Trás-os-Montes e Grupo Cultural Aquae Flaviae.

TEMA 1.1. BENTO DA CRUZ – A NATUREZA E O HUMANISMO NO ESCRITOR BARROSO

Bento da Cruz é um dos escritores transmontanos, cuja escrita se encontra enraizada na realidade geográfica, humana e física dos espaços do Barroso.

Nos diversos títulos da sua obra, demonstra o apego barrosão, revelando a sua coerência com a realidade rústica que dominou a sua infância e a sua vida.

Não só nos contos, mas também nos romances, é visível um determinado neorealismo dos matizes rurais, valorizando a linguagem popular, a etnografia, a natureza e o humanismo. Bento da Cruz escreve sob o lema das recordações e dos seus tempos de juventude, privilegiando o natural e o genuíno das suas paisagens e das suas gentes, a quem tudo deve, como ele próprio afirmou.

Como transmontanos, temos a responsabilidade de ler Bento da Cruz e transmitir a sua mensagem aos mais jovens.

É SÓCIA DA AICL

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

50. MARIA DE LOURDES CRISPIM, CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



LAGOA 2009

Maria de Lourdes Crispim

Professora Associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa é, desde 2006, Presidente da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua carreira académica na Universidade de Paris III onde ensinou Língua e Linguística portuguesas entre 1969 e 1974. No mesmo período, colaborou com Solange Parvaux, primeira Inspetora-geral do Português em França, nas diligências de integração do ensino do Português no leque das “languês vivantes” do sistema de ensino secundário francês. O contacto com a integração das crianças de origem portuguesa na escola francesa dos anos 70 despertou-a para a problemática das políticas linguísticas

em geral e das políticas linguísticas nacionais relativas à imagem da língua no estrangeiro e em Portugal, em particular.

Em 1976, depois de breve passagem pelo Programa Nacional de Alfabetização, ingressou na Universidade Nova de Lisboa.

Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras, com uma dissertação que consistiu numa edição crítica e glossário das Coplas del Menosprecio del Mundo do Condestável D. Pedro, interrompeu durante algum tempo esta linha de trabalho que retomou através da edição crítica e estudo linguístico da tradução portuguesa de uma obra de Christine de Pizan, intitulada Livro das Tres Vertudes, na versão manuscrita, e Espelho de Cristina, na versão impressa de 1518.

O gosto pelos textos medievais e o gosto pelas questões de contacto de línguas têm alternado no seu percurso académico.

Atualmente, o trabalho, com Maria Francisca Xavier, em projetos de corpora e dicionários de português medieval satisfazem o primeiro gosto, o trabalho sobre aquisição do português, língua não-materna, com Ana Madeira, Maria Francisca Xavier e outros, satisfaz o segundo.

O interesse pelo português, língua não-materna, não se esgota na investigação em curso, tendo estado na origem da sua participação num projeto europeu que, em parceria com outras instituições da Lituânia, Estónia, Finlândia e Polónia, levou à realização de um curso online de português para estrangeiros – o projeto ONENESS, disponível, para o português.

É SÓCIA DA AICL

JÁ TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009

51. MARIA DE LURDES MATIAS, PORTUGAL, AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, NO 20º EM SEIA 2013 E 21º NOS MOINHOS EM 2014

52. MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA E AICL



BRAGANÇA 2010

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS, docente e investigadora na Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade do Minho, em 1993, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da receção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. Do romantismo ao modernismo*.

Desde então, tem-se consagrado ao ensino da literatura comparada e da literatura francesa, bem como à orientação de teses de Mestrado e de Doutoramento.

Tendo participado em muitos Colóquios, nacionais e internacionais, publicou, em 2007, "Os Fantasmas de Troia: *La Bella Elena*" e, em 2009, "*Monsieur Proust: O Homem das Leituras Solitárias*".

FOI Diretora do Departamento de Estudos Românicos e do *Master* em Estudos Franceses, tendo publicado em coautoria com a Dr.ª Helena Chrystello, uma *Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos (bilingue e monolingue)* e a *ANTOLOGIA NO FEMININO: 9 ILHAS 9 ESCRITORAS*.

Ministrou na Universidade do Minho, o 1º curso breve "INSULARIDADES E AÇORIANIDADES" um projeto dos Colóquios da Lusofonia, e orienta Mestrados onde se estudam autores açorianos.

TEMA 3.1. CRISTÓVÃO DE AGUIAR: PARA UMA POÉTICA DA MONTANHA E DO MAR, MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS, MANUEL JOSÉ SILVA

Quando o carteiro não bate, o telefone não toca, a carta não chega, o e-mail não apita e a palavra não desperta, urge recorrer à escritoterapia, como meio de suprir a insuficiência da vida através da plenitude que é sólito a arte ofertar.

Este Verbo terapêutico, genologicamente diversificado, tanto pode espreitar a missiva e o soneto como invadir a prosa poética e o poema em prosa, gotejando biografemas que a memória estigmatizou e a imaginação se apressa a transfigurar, estilizando o sujeito escrevente no decurso da anamnese e convocando a tensão entre o eu e o outro, o ilhéu e a *insula*.

Entre a espera agraciada pela esperança, o aborrecimento deletério esporeado pela solidão, a demissão letal pontapeada pelo desânimo e a graça oriunda da catarse

poética vai-se delineando o percurso de Cristóvão de Aguiar em *Amor Ilhéu*, iluminado (por antecipação ou posposição) pela obra em prosa do Poeta açoriano.

Por um lado, a Ilha perdida, mística, ofertório da palavra poética vigilante; por outro, a ilha vivida, sofrida que, contracarreando a sua vertente antinómica, se alimenta da desvitalização nevrótica do ser conducente à meontologia.



LAGOA 2009

TEMA 3.3. TABUCCHI E VILA-MATAS: UMA CONVERGÊNCIA AÇORIANA DE OLHARES? - MANUEL JOSÉ SILVA, MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Na vanguarda da renovação da narrativa espanhola, Vila-Matas, detentor de uma vasta obra metaliterária e autoficcional, é, consoante o testemunho de Ricardo Piglia, "o escritor da história imaginária da literatura contemporânea".

Advogando o desaparecimento do privilégio autoral e o repúdio pela identidade pessoal, a pluralidade de sentidos subjacente a uma escrita sinónima de impostura e o culto inédito de citações distorcidas ou inventadas, o escritor barcelonês, mais viajante - na senda pessoana de "Perder países" - do que turista, rende preito a Amália Rodrigues em *Extraña forma de vida* e à Ilha da Madeira em *El viaje vertical*.

Admirador de Antonio Tabucchi, cuja escrita o fascina, o *homo viator* Vila-Matas, quer numa entrevista a Curro Cañete quer num capítulo de *Desde la Ciudad Nerviosa*, homenageia o arquipélago açoriano, que visitou para redigir a crónica "En las Azores",

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

para se sentar no banco onde Antero se havia suicidado e para escutar histórias de espionagem num bar da Cidade da Horta, defronte do Pico, que havia mitificado na esteira da mitificação que dele havia feito o Autor de *Mulher de Porto Pim*.

Mediante galeria significativa de personagens que pululam como quase heterónimos, cultivando a ausência e o vazio conducentes ao fracasso literário (que uma produção invejável contradita), Vila-Matas apressa-se a destilar memórias viajeras das "Ilhas de Bruma" na sua obra romanesca.

Assim sendo, não glorificarão, nas pisadas de Tabucchi, El *Mal de Montano* e *Exploradores del Abismo* os Açores?

**É SÓCIA DA AICL
MODERA SESSÕES**

PARTICIPOU NO 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º EM BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 19º MAIA 2013



Bragança 2010



MAIA 2013

53. MARIA DO SOCORRO PESSOA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL E AICL

Maria do Socorro Pessoa é Linguista e Educadora, com Graduação em Letras, pela UEL - Universidade Estadual de Londrina, PR, Mestrado em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP – Campinas - SP., Doutorado em Linguística, área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP – Campinas - SP., Pós-Doutorado em Didática e Tecnologia Educativa na Formação de Professores de Língua(s) para atuarem em ambientes plurilinguísticos -dialetais, pela Universidade de Aveiro, Portugal.

É Professora Associada e Pesquisadora aposentada pela Universidade Federal de Rondônia. Tem formação, experiência e prática nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa, Sociolinguística, Etnolinguística, Educação e Formação de Professores.

É Líder do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas Sócioetnolinguísticas, vinculado ao CEPLA, Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia, da Universidade Federal de

Rondônia, Campus de Guajará-Mirim e também vinculado ao DELL - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena. Atua nos temas: Sociolinguística, Educação Linguística, Ensino de Língua(s), Etnolinguística e Formação de Professores para atuarem em ambientes plurilinguísticos.

Investiga a(s) Língua(s) e as Linguagem(ens) dos povos Amazônicos e Amazônidas. Tem trabalhos apresentados em eventos Científicos, Mestrados e Cursos diversos no Brasil e em Países Europeus.

É membro investigador - colaborador do LEIP – Laboratório de investigação em Língua Portuguesa, da Universidade de Aveiro, Portugal.

Atualmente desenvolve o Projeto de Pós-Doutoramento em Pluralidade e Diversidade da Língua Portuguesa nas fronteiras do Brasil: uma perspectiva Didática, sob orientação da Professora Doutora Maria Helena Ançã, do Departamento de Educação, na Universidade de Aveiro, em Portugal.

sopessoa@gmail.com; sopessoa@unir.br; sopessoa5@hotmail.com;
mspessoa@ua.pt:



SEIA 2014

TEMA 2 – LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA, SUBTEMA 2.9. OUTROS TEMAS LUSÓFONOS. LÍNGUA PORTUGUESA E LUSOFONIA NAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS, MARIA DO SOCORRO PESSOA

Um estudo de raízes linguísticas resgata a história humana que acompanha a história de uma língua. É um mergulho no passado dessa história, para realizar "escavações" em sociedades extintas, nem por isso sem marcas. As raízes da Língua Portuguesa nos contam sobre a sua formação sociocultural, seu povo, seus fazeres e afazeres, sua interação verbal, seu modo de expandir-se mundo afora. As fronteiras brasileiras são, por si mesmas, laboratórios linguístico-culturais de interação verbal entre povos de diferentes etnias que permitem ao pesquisador realizar tais "escavações" com a certeza absoluta do sucesso investigativo.

A fronteira do Brasil com Venezuela, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Peru e Argentina é caracterizada por regiões de grande concentração populacional, como o sul do Brasil, por exemplo, que faz fronteira com três países diferentes: Uruguai, Paraguai e Argentina e outras marcadas por obstáculos geográficos naturais, caso do norte do Brasil, onde existem regiões praticamente vazias de presença humana. A Língua Portuguesa do Brasil, nas regiões fronteiriças é de grande interesse investigativo, uma

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

vez que a fronteira conduz, por caminhos às vezes conflituosos, a um território desconhecido de práticas linguísticas, de atitudes sociolinguísticas e de contato gerador de complexidade nas relações sociais estabelecidas entre diferentes etnias e diferentes culturas. Nessas fronteiras, as falas marcam a Língua Portuguesa do Brasil com matizes de sonoridade mundialmente conhecida como doce, suave, acolhedora. As fronteiras do norte e centro Brasileiro apresentam um vocabulário intensamente marcado por léxicos indígenas, resultante da interação com índios brasileiros, venezuelanos, bolivianos, colombianos e andinos em geral.

Embora e apesar das línguas indígenas, a Língua Espanhola também é falada nas interações fronteiriças.

Ao sul do Brasil o contato se faz mais marcante com pronúncias espanholas, pois maior é o contato entre a fronteira do Brasil com Uruguai, Paraguai e Argentina.

É SÓCIA DA AICL.

ESTEVE PRESENTE EM 2007 NO COLÓQUIO EM BRAGANÇA, EM SEIA 2014 E GRACIOSA 2015

54. MARIA EDUARDA BARBOSA, ASSISTENTE PRESENCIAL



GRACIOSA 2014

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ depois de ter participado no lançamento da antologia 9 ilhas 9 escritoras na Graciosa em agosto 2014.

55. MARIA EUGÉNIA GUIMARÃES

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

56. MARIA FRANCISCA XAVIER, CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL

MARIA FRANCISCA XAVIER, Professora associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, com Agregação em Linguística Portuguesa - Linguística

Comparada, em 2005. Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL, desde 1978, lecionando diversas disciplinas e seminários nos domínios da Sintaxe, Semântica e Léxico do Português e de outras línguas, Modelos Teóricos, Parâmetros de Variação e Mudança Linguística.

Investigadora do Centro de Linguística da UNL e Responsável da Linha de Investigação 1 – Linguística Comparada.



LAGOA 2009



LAGOA 2009

A investigação da equipa desenvolve-se em domínios complementares:

- (i) Estudos linguísticos, sincrónicos e diacrónicos, no âmbito do léxico e da morfossintaxe relativamente aos processos de
 - Aquisição de língua materna,
 - Aquisição - aprendizagem de língua não materna;
 - Criação, variação e mudança linguísticas.
- (ii) Criação de *corpora* textuais informatizados, de bases de dados e de dicionários do

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

- Português língua materna;
- Português, Francês e Inglês língua não materna;
- Português Medieval e Latim tardio.

A Gramática, o Dicionário e os *Corpora* do Português Medieval são áreas em que temos vindo a trabalhar em sucessivos projetos, com financiamento nacional e europeu, dos quais refiro os seguintes:

1996-00 - *Corpora* do Português Medieval. Etiquetagem e Segmentação Automáticas, financiado pelo Praxis XXI. A equipa do projeto era constituída por linguistas, informáticos, historiadores e estudiosos da literatura.

1998-... - Dicionário de Verbos do Português Medieval, financiado pelo Centro de Linguística da UNL e FCT – Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior

2001-04 - Léxico e Sintaxe do Verbo no Português Medieval, financiado pela FCT - POCTI.

É SÓCIA DA AICL

JÁ TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009

57. MARIA HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, IPP E AICL ASSISTENTE PRESENCIAL

hanacleto@iscap.ipp.pt; mhelenamatias@hotmail.com

HELENA ANACLETO-MATIAS, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto.

Desde 1993 que é docente na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto.

Licenciada (1988), Mestre (1997) e Doutoranda (desde 2008) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Helena Anacleto-Matias completou uma pós-graduação como intérprete de conferências (Universidade de Genebra, 1989), enquanto bolseira do Parlamento Europeu, e outra pós-graduação em Estudos Norte-Americanos (Smith College – EUA, 1990), com uma bolsa Fulbright.

Publicou artigos em Portugal, Chipre e Países Baixos nas áreas da Linguística, Estudos Interculturais, Literatura, Tradução e Interpretação e publicou o seu primeiro livro “Emma Lazarus – Vida e Obra” na Editora Cão Menor, em 2008.

Como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (coautora, 2003), Bélgica (2006, 2011), Chipre (2007), Valência (2008), Brasil (2010) e Macau (2011).

Esteve igualmente em mobilidade Erasmus na Universidade Nicolau Copérnico, em Toruń – Polónia (2009).

O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP – Viseu, 2001).

Ensina Português como Língua Estrangeira no Porto (1992 - 93) e em Bruxelas (2006 - 2007),

Doutorou-se em Estudos Anglo-Americanos - vertente Tradução, em novembro 2015, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Santa maria 20111

MAIA 2013

É A VIGÉSIMA PARTICIPAÇÃO NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (DESDE 2003 EM BRAGANÇA).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL

MODERA SESSÕES

58. MARIA HELENA ANÇÃ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CIDTFF, PORTUGAL E AICL

M^a Helena Ançã, - Professora Associada com Agregação, do Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Portugal.

- Coordenadora (com Cristina Sá) do LEIP - Laboratório de Investigação em Educação em Português, CIDTFF - Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores,

- Diretora do Curso de Mestrado em Ensino do Português e de Língua Estrangeira (Alemão, Espanhol, Francês) no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

mariahelena@ua.pt

TEMA 2.5 À VOLTA DO CONCEITO DE CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA – O OLHAR DE UM GRUPO DE MESTRANDOS, MARIA HELENA ANÇÃ

A capacidade de reflexão sobre o funcionamento de uma língua despenha um papel de tal modo importante que alguns autores (Gombert e Colé, 2000, por exemplo) consideram ‘iletrados’ aqueles que possuem fracas capacidades reflexivas.

No caso de (futuros) professores de Português é inquestionável a sua pertinência.

Neste sentido, foram analisadas respostas de um grupo de mestrandos sobre a apropriação do conceito “consciência linguística”, nomeadamente sobre a altura e a circunstância em que cada um teve consciência da sua língua materna, sobre os contactos estabelecidos com línguas estrangeiras, assim como o respetivo impacto na tomada de consciência das línguas materna ou estrangeiras.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Os resultados apontam para apropriação fragilizada do conceito, contactos limitados (praticamente) às línguas aprendidas em contexto escolar, pouco impacto destas na tomada de consciência da língua materna ou de outras línguas.

Duas explicações são possíveis: a falta de vivências linguísticas e culturais dos mestrandos e o perfil generalista do curso (Ançã, 2015).



gaLIZA 2012

SEIA 2013

**É SÓCIA DA AICL. MODERA SESSÕES
JÁ PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA
2013, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015**



SEIA 2013

**59. MARIA HERCÍLIA AGAREZ, TERTÚLIA JOÃO
ARAÚJO CORREIA**



Maria Hercília Agarez de Campos Marques nasceu em Vila Real e foi professora de Português e Francês no Ensino Secundário.

Atualmente leciona Literatura Portuguesa na Universidade Sénior dessa cidade e é escritora e ensaísta.

Publicou um livro de Crónicas em 2001 - *A BRINCAR QUE O DIGAS...*, dois ensaios sobre Miguel Torga - *A FORÇA DAS RAÍZES* (2007) e *DOIS HOMENS NUM SÓ ROSTO* (2013).

Iniciou-se na ficção em 2011 com *HISTÓRIAS QUE O POVO TECE* (contos) e na poesia com *AS ASAS DA LIBELINHA* (haiku), em 2015.

É coautora das antologias *AQUI E AGORA ASSUMIR O NORDESTE* (sobre a obra de A.M. Pires Cabral) e *POR LONGOS DIAS, LONGOS ANOS FUI SILÊNCIO* (antologia de autoras transmontanas)

É estudiosa da epistolografia camiliana e da obra de Miguel Torga, João de Araújo Correia, Luísa Dacosta, A.M. Pires Cabral.

É vice-presidente da direção da Tertúlia João de Araújo Correia e sócia da Associação Portuguesa de Escritores.

Está representada em inúmeras publicações culturais e em antologias.

TEMA - NO DOURO, É ASSIM QUE O POVO FALA

João de Araújo Correia nasceu em 1899 numa aldeia do concelho da Régua e nessa então vila viveu a maioria dos seus anos.

Licenciado em medicina no Porto, exerceu sempre a profissão na sua terra natal, com saídas frequentes para arredores onde o chamavam para assistir a doentes impossibilitados de se deslocar ao seu consultório.

Viveu, pois, sempre rodeado de gente do povo, pobre em letras, mas rica em sabedoria ancestral.

Aprendeu-lhes a linguagem e dela fez um traço caracterizador das personagens dos seus contos, predominantemente rurais, contribuindo, com isso, para a sua verosimilhança. Neles encontramos regionalismos durienses, adágios, corruptelas, expressões coloquiais, etc.

Tendo sido um intransigente defensor da vernaculidade e da correção no uso da nossa língua, foi sua preocupação registar-lhe todos os níveis, desde a fala do

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

camponês até à terminologia técnica no âmbito da medicina. Em todos foi rigoroso, cativante, oportuno.

É da linguagem popular em João de Araújo Correia que nos propomos falar neste encontro.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

60. MARIA JOSÉ DOS SANTOS CUNHA, UTAD



Maria José dos Santos Cunha

É Doutorada em Ciências Humanas e Sociais - Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Mestre em Educação - Educação de Adultos, pela Universidade do Minho e Licenciada em Metodologia e Supervisão em Educação de Infância, pela mesma universidade.

Exerce funções de ensino e investigação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Da sua atividade docente destaca-se a participação em cursos de formação de animadores socioculturais; educadores de infância e professores do 1º ciclo do ensino básico; atores e profissionais de turismo, bem como o envolvimento em pós-graduações, mestrados e doutoramentos.

No capítulo da investigação os seus interesses focalizam-se nas questões emergentes do triângulo "Educação, Animação e Teatro".

TEMA: BARROSO: LUGAR A NORTE ONDE AS FESTAS E ROMARIAS SÃO UM MISTO DE CULTURA, ARTE E TRADIÇÃO

Caraterizada pela dureza do clima, onde o frio do inverno contrasta com o calor infernal que se faz sentir no verão, a região montanhosa do Barroso é um dos lugares a norte de Portugal onde as festas e romarias, traços típicos da cultura popular e tradicional do nosso povo, são manifestações extremamente numerosas e variadas que acontecem e fazem parte das tradições e memórias de um povo que luta para manter atual a cultura secular que lhe confere uma identidade muito própria.

Assim acontece com a "Mesinha de São Sebastião", festa que tem lugar no Couto de Dornelas, em Boticas, no Barroso, no dia vinte de janeiro, dia em que a

aldeia manifesta a sua generosidade ao mundo para cumprir uma tradição e garantir o empenho do santo na sua proteção.

Uma festa que representa, não apenas a sua devoção ao santo, mas o reflexo de uma cultura, onde a arte está presente na teatralização dos símbolos e gestos e no espírito comunitário da aldeia.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

61. MARIA LUÍSA TIMÓTEO, KORSANG DI MELAKA - AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



SÓCIA AICL.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010 E NO 23º NO FUNDÃO EM 2015

62. MONSENHOR (DOM CARLOS FILIPE) XIMENES BELO, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, TIMOR, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, SÓCIO HONORÁRIO AICL,

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO (Uailacama, Baucau, Timor-Leste, 3 de fevereiro de 1948) é um Bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

Quinto filho de Domingos Vaz Filipe e de Ermelinda Baptista Filipe, Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu na aldeia de Uailacama, concelho (hoje distrito) de Baucau, na costa norte do então Timor Português.

O seu pai, professor primário, faleceu quando o jovem Carlos Filipe tinha apenas dois anos de idade.

Ingressou no Colégio Salesiano de S. Teresinha em Ossu, concelho de Viqueque a 2 de outubro de 1962, onde completou o ensino básico.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Fez os estudos preparatórios no Seminário Diocesano de Dili, e no Instituto de S. João de Bosco em Mogofores (Anadia).

Concluiu o ensino liceal na escola Salesiana de Manique de Baixo - Estoril, onde deu entrada no noviciado a 6 outubro de 1972 e professou pela primeira vez na congregação Salesiana de Lisboa.



4º Colóquio Bragança 2005)



MAIA 2013

Foi ordenado definitivamente a 7 de dezembro de 1976.

Frequentou, também, o 1º e 2º anos do Propedêutico no ISET (Instituto Superior de Ensinos Teológicos) no curso de Filosofia.

Fez o estágio no Colégio Salesiano de Fatumaca em Timor, em agosto de 1974.

A guerra surpreendeu-o em Dili e impediu-o de regressar ao seu colégio, passando para o colégio Dom Bosco de Macau.

Em 1980 veio a Lisboa e foi ordenado presbítero por D. José da Cruz Policarpo, Bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

Excetuando um pequeno período entre 1974 e 1976 -- quando esteve em Timor e em Macau --, entre 1969 e 1981, Ximenes Belo repartiu o seu tempo entre Portugal e Roma, onde se tornou membro da congregação dos Salesianos e estudou filosofia e teologia.

De regresso a Timor-Leste em julho de 1981, Ximenes Belo esteve ligado ao Colégio Salesiano de Fatumaca, onde foi professor e diretor.

Quando em 1983 se reformou Martinho da Costa Lopes, Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico da Diocese de Díli, tornando-se chefe da Igreja em Timor-Leste, respondendo exclusivamente perante o papa.



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005

Em 1988, em LORIUM, Itália, foi consagrado como Bispo.

A nomeação de Ximenes Belo foi do agrado do núncio apostólico em Jacarta e dos próprios líderes indonésios pela sua aparente submissão.

No entanto, cinco meses bastaram para que, num sermão na sé catedral, Ximenes Belo tecesse veementes protestos contra as brutalidades do massacre de Craras em 1983, perpetrado pela Indonésia.

Na homenagem da cidade de Díli a Nossa Senhora de Fátima (1983) e na Conferência Episcopal da Indonésia (1984), D. Ximenes Belo denunciou as atrocidades.

Vendo que os massacres e o genocídio não paravam, conhecendo bem o pensar da população, em fevereiro de 1989 Ximenes Belo escreveu ao Presidente de Portugal, Mário Soares, ao papa João Paulo II e ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, reclamando por um referendo sob os auspícios da ONU sobre o futuro de Timor-Leste e pela ajuda internacional ao povo timorense que estava "a morrer como povo e como nação".

No entanto, quando a carta dirigida à ONU se tornou pública em abril, Ximenes Belo tornou-se uma figura pouco querida pelas autoridades indonésias. Esta situação veio a piorar ainda mais quando o Bispo deu abrigo na sua própria casa a jovens que tinham escapado ao massacre de Santa Cruz (1991) e denunciou os números das vítimas mortais.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

A partir desta data, D. Ximenes Belo tornou-se num porta-voz do povo timorense, assim como o seu protetor, dando apoio à causa da guerrilha e continuando a apelar interna e externamente à manutenção da Paz.

A sua obra corajosa em prol dos timorenses e em busca da paz e da reconciliação foi internacionalmente reconhecida quando, em conjunto com José Ramos-Horta, lhe foi entregue o Nobel da Paz em dezembro de 1996. O ter sido laureado galvanizou o povo de Dili, numa calorosa recepção à sua chegada a Timor.

Sempre cuidadoso nas suas opiniões, sobre a questão de Timor-Leste, D. Ximenes não deixou nunca, no entanto, de expor as arbitrariedades das autoridades indonésias.

Em maio de 1998 foi doutorado Honoris Causa pela Universidade de Évora, e em agosto do mesmo ano o Presidente Jorge Sampaio condecorou-o com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Nos dias de ocupação, a Igreja era a única instituição capaz de comunicar com o mundo exterior, o que levou Ximenes Belo a enviar sucessivas cartas a personalidades em todo o mundo, tentando vencer o isolamento imposto pelos indonésios e o desinteresse de grande parte da comunidade internacional.

A sua primeira entrevista a um órgão de comunicação, sob a ocupação indonésia, foi dada a Chrys Chrystello em agosto 1989 para a LUSA, RDP e TDM. Outras se seguiriam entre 1988 e 1993.

Após a independência de Timor-Leste, a 20 de maio de 2002, a saúde do Bispo começou a esmorecer perante a pressão dos acontecimentos que tinha vivido.

O papa João Paulo II aceitou a sua demissão como administrador apostólico de Dili em 26 de novembro de 2002.

Após se ter retirado, Ximenes Belo viajou para Portugal para receber tratamento médico.

No início de 2004, houve numerosos pedidos para que se candidatasse à presidência da república de Timor-Leste

No entanto, em maio de 2004 declarou à televisão estatal portuguesa RTP que não autorizaria que o seu nome fosse considerado para nomeação. "Decidi deixar a política para os políticos" - afirmou.

Com a saúde restabelecida, em meados de 2004 Ximenes Belo aceitou a ordem da Santa Sé para fazer trabalho de missão na diocese de Maputo, como membro da congregação dos Salesianos em Moçambique. Posteriormente fixar-se-ia na paróquia do Bonfim, no Porto onde continua o seu trabalho. (in [WIKIPÉDIA E OUTRAS](#)).

PRÉMIOS

Prémio Óscar Romero [Óscar Romero Award], Roma, Itália, 16 de maio de 1996.

Prémio John Humphrey [John Humphrey Freedom Award], Montreal, Canadá, 10 de dezembro de 1995.

Prémio Nobel da Paz, Oslo, Noruega, 10 de dezembro de 1996.

Prémio Della Pace, Taranto, Itália, março de 1997.

Prémio Della Pace, Ostuni, Bari, Itália, 28 de fevereiro de 1998.

Prémio Internazionale della Testimonianzia, Vibo Valentia, Calábria, Itália, 2 de maio de 1998.

Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, Chancelaria das Ordens da Presidência da República Portuguesa, 6 de agosto de 1998.

Prémio Personalidade Lusófona do Ano, concedido pelo MIL - Movimento Internacional Lusófono, em 21 de fevereiro de 2010.

DOUTORAMENTOS HONORIS CAUSA

University of Yale, EUA, 26 de maio de 1997.

Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, Itália, 19 de fevereiro de 1998.

Universidade de Évora, 20 de maio de 1998.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 24 de abril de 2000.

Universidade Católica de Brasília, 25 de abril de 2000.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 25 de abril de 2000.

Providence University (靜宜大學; Jìngyí Dàxué), Taichung, Formosa, 19 maio de 2000.

D. Carlos Filipe Ximenes Belo é Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto, por proposta da respetiva Faculdade de Letras (investido em 31 outubro de 2000, juntamente com Xanana Gusmão e José Ramos-Horta).

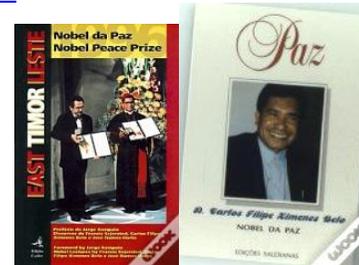
D. Ximenes Belo tem publicado diversas obras, prefaciado e feito posfácio a outras:

- *Demi Perdamaian da Keadilan* (Jacarta, 1997),

- *The Voice of the Voices* (Jacarta, 1997),

- [Timor Leste Nobel da Paz - Discursos...](#) Edições Colibri 1997 [Timor](#)

[Leste Nobel da Paz: discursos proferidos na cerimónia de outorga do Prémio Nobel da Paz 1996 = East Timor Nobel Peace Prize: lectures delivered at the 1996 Nobel Peace Prize awarding ceremony - Francis Sejersted, Carlos Filipe Ximenes](#)



- [Paz : Nobel da Paz - D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto : Salesianas, 1998. ISBN 972-690-336-X.](#)

- [Belo, José Ramos-Horta; pref. Jorge Sampaio; trad. Rosa Isabel Goreti Loro Sa'e. 1ª ed. Lisboa: Colibri, 1997. ISBN 972-8288-56-5.](#)

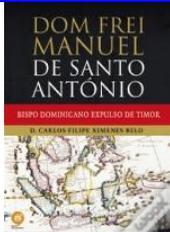
- [Subsídio para a bibliografia de Timor Loro-Sa'e: uma listagem cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos desde 1515 a 2000 - Carlos Filipe Ximenes Belo; apresenta. Vítor Melícias. Lisboa: CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2002.](#)

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

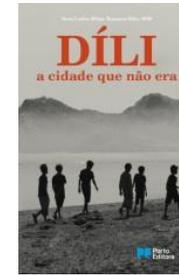
- **The Road to Freedom, Sydney: Caritas Austrália, New South Wales, 2001**
- [Nós somos peregrinos - Delfina da Silva Cardoso Ribeiro; pref. Carlos Filipe Ximenes Belo. Castanheiro de Ouro: Associação dos Amigos do Povo de Timor Lorosae, 2004.](#)
- [Gentio de Timor - Armando Pinto Corrêa; pref. Dom Ximenes Belo. 2ª ed. Câmara de Lobos: Câmara Municipal, 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.](#)
- [40 dias em Timor-Leste: uma interpretação: observações, percepções e análise de lusofonia emergente - Aires Gameiro; intro. D. Carlos Ximenes Belo. \[Lisboa\]: Pearlbooks, 2012. ISBN 978-989-9732-86-5.](#)
- [Vozes sem rosto: o mundo visto do lado dos mais pobres - Orbis - Cooperação e Desenvolvimento; pref. Ximenes Belo. 1ª ed. Parede: Sete Mares, 2009. ISBN 978-989-8128-09-6.](#)
- [Timor: a presença portuguesa, 1769-1945 - Fernando Augusto de Figueiredo; \[pref. Fernando de Sousa; posfácio Carlos Filipe Ximenes Belo\]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, 2011.](#)



- [Os antigos reinos de Timor-Leste: Reys de Lorosay e Reys de Lorothoba, Coronéis e Datas - Dom Carlos Filipe Ximenes Belo. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.](#)
- [História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização \(1562-2012\) - Carlos Filipe Ximenes Belo. Lisboa: Fund. Eng. António de Almeida, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.](#)



- [Dom Frei Manuel de Santo António: bispo dominicano expulso de Timor - Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto: Edições Salesianas, 2013. ISBN 978-972-690-820-3.](#)



- [Díli: a cidade que não era - Carlos Filipe Ximenes Belo. 1ª ed. Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 978-972-0-06289-5.](#)



- [História da Igreja em Timor Leste 450 anos de evangelização 1562-2012 Fundação Engenheiro António de Almeida 2014](#)

Domina várias línguas (tétum, português, inglês, italiano e bahasa indonésio), gosta de música clássica e de futebol.



maia 2013

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



com o Bispo de Angra no colóquio da maia 2013



Graciosa 2015



MAIA 2013



sessões Hotel 26set2015



GRACIOSA 2015



Graciosa 2015



graciosa 2015

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



GRACIOSA 2015

TEMA: NESTE 25º COLÓQUIO, EM MONTALEGRE, APRESENTA O SEU ÚLTIMO VOLUME, PUBLICADO POR JOSÉ SOARES, MOINHOS TERRACE CAFÉ, EDITADO PELA AICL

D. Carlos Ximenes Belo
PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996



UM AÇORIANO, MISSIONÁRIO EM TIMOR

CITAMOS DA INTRODUÇÃO DO AUTOR:

Tem este estudo o objetivo de perpetuar a ação Missionária do Padre açoriano Carlos da Rocha Pereira que passou 57 anos em Timor-Leste. O Padre Carlos foi um

² Na *Índia e Timor*: arroz em casca ou em planta. Do dravídico *nel*, *nellu*^ O termo é usado sobretudo em Macau e TIMOR e nos crioulos da Malásia

Missionário de extraordinário zelo pastoral e de total entrega à implantação do Reino de Deus nas terras de Timor.

Esteve no campo de concentração em Liquiçá durante a ocupação das tropas japonesas; passou anos terríveis no mato acompanhando as populações durante os três primeiros anos da invasão das Forças Armadas Indonésias, e só foi uma vez à sua terra natal, nos Açores, beneficiando da “licença graciosa” que lhe foi concedida pelo Estado Português. Depois de cinquenta e sete anos de convívio com os Timorenses que ele amara e servira, preferiu morrer em Timor, durante os tempos da “integração”.

Este estudo abrange uma breve biografia do Padre Carlos Pereira, uma breve síntese sobre a Circunscrição Civil de Cova-Lima, o Reino de Samoro na Soibada e o Hospital de Díli. A segunda parte apresenta as cartas por ele enviadas à redação da revista SEARA, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli. As crónicas são de teor religioso, caracterizado pela descrição de Missas, procissões, administração de Sacramentos (batismos, primeiras comunhões e confissões); de visitas pastorais; descrição da vida dos Colégios, masculino e feminino, de Soibada.

Nalgumas crónicas, faz o relato da agricultura, isto é o cultivo do milho e do arroz (o *néle*, ou *néli*, termo usado em Timor Português²).

O autor nunca se debruça sob o aspeto etnográfico, isto é, a descrição das regiões com os seus usos e costumes, das classes sociais, dos reinos existentes. Mesmo a nível da missionação, sublinha pouco o papel dos professores e catequistas. Já na situação de “Missionário Ambulante pelas Missões e Estações Missionárias”, o Padre Carlos fornece, nas suas crónicas, alguns dados sobre o número de habitantes, de católicos e de catecúmenos, de escolas e de alunos e alunas.

Resumindo, podemos afirmar que as crónicas deste zeloso sacerdote espelham a práxis pastoral levada a cabo pelos Missionários de Timor Português nos primeiros 34 anos da Diocese de Díli (1940 a 1975).



dom ximenes belo com o padre nacher e monsenhor martinho costa lopes

63. NORBERTO ÁVILA, TERCEIRA, AUTOR HOMENAGEADO no 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



SEIA 2013

maia 2013

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo.

Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu - [Norberto Ávila](mailto:Norberto_Avila) - oficinadescrita@gmail.com



MAIA 2013

BIBLIOGRAFIA

1960, *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 *O Labirinto*, inédito

1962, *O Servidor da Humanidade*. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,

1965, *A Pulga*, inédito

1965, *A Ilha do Rei Sono*. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,

1965 *Magnífico I*, inédito

1966, ***As Histórias de Hakim*** (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça

1966, *A Descida aos Infernos*. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP

1968, *As Histórias de Hakim*. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.

1972, *A ilha do rei Sono*, Lisboa, Plátano Ed

1972, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.

1975, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.

1976, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora

1977, *O Rosto Levantado*. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.

1977, in *Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.

1977, ***O Rosto Levantado*** (1977 e 1978). 1ª ed. em *ALGUM TEATRO*, IN-CM, Lisboa, 2009.

1977, *A ilha do rei Sono*, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed

1978, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.

1979, *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito

1980, *Viagem a Damasco*, Ed SREC, Angra do Heroísmo,

1988 *Os Deserdados da Pátria*, 1ª versão, inédito

1982, *Do Desencanto à Revolta*.

1983, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.

1983, *A Paixão Segundo João Mateus*, Angra, Ed SREC

1985, *D. João no Jardim das Delícias* (1985).

1986, *Magalona, Princesa de Nápoles*

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

1986, Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85 - 86, WLB, 1986 -
1987, D. João no Jardim das Delícias. Ed. Rolim, Lisboa,
1988, Viagem a Damasco. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
1988, D. João no Jardim das Delícias, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
1988 Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta
1988, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
1989, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, *As Viagens de Henrique Lusitano* (1989).
1990, Viagem a Damasco, Estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
1990, *As Viagens de Henrique Lusitano*. Edição SPA, Lisboa,
1990, **A Donzela das Cinzas** (1990).
1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC
1990, **Uma Nuvem sobre a Cama** (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
1991, *As Viagens de Henrique Lusitano*: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países.
1992. **A Donzela das Cinzas** (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
1992. Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. Ed Câmara Municipal da Calheta, São Jorge, Açores,
1993, No Mais Profundo das Águas, romance.
1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
1995, Fortunato e TV Glória.
1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto". Estreada pelo Teatro "A Oficina", Guimarães.
1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,

1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, Ed Colibri

1997, Uma nuvem sobre a Cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, Ed Colibri



GRACIOSA 2015

1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro "A Oficina", Guimarães

1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)

1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,

1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra

1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. Ed autor, Lisboa,

1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfornelos,

2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86

páginas

2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos –

As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da

Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,

2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito

2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.

2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Ed Instituto

Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,

que a estreou em 2008.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

2008, Memórias de Petrónio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.

2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)

2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa, 2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora

2009, Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,

2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores - Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011

2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia

2013, Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º Colóquio da Lusofonia, Seia, Portugal

2014, Algum Teatro na internet, in Atas do 22º Colóquio da Lusofonia, Seia, Portugal
VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VÍDEO HOMENAGEM AICL

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

É SÓCIO AICL. É O AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014., 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015



MOINHOS 2014

64. ORQUÍDEA RIBEIRO, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, CENTRO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA (CITCEM)



ORQUÍDEA MOREIRA RIBEIRO,

Doutorada em Ciências Sociais e Humanas - Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real com a Dissertação intitulada "Lyin' her Way through Fiction: Folklore and Fiction in the Work of Zora Neale Hurston (2006).

É Professora Auxiliar no Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em Vila Real, onde leciona unidades curriculares da área científica da cultura – Teorias da Cultura, Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais, Culturas Pós-Coloniais de Língua Inglesa e Culturas Africanas de Língua Portuguesa, entre outras.

É Diretora do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Diretora do Mestrado e Doutoramento em Ciências da Cultura da UTAD

Investigação em Culturas africanas de língua portuguesa e inglesa e Cultura afro-americana

TEMA REPRESENTAÇÕES DOS IMIGRANTES DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ESTADOS UNIDOS: FEDERAL WRITERS' PROJECT E FARMER SECURITY ADMINISTRATION – OFFICE OF WAR INFORMATION COLLECTION. ORQUÍDEA RIBEIRO, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO (UTAD), CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR «CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA» (CITCEM)

A imigração portuguesa para os Estados Unidos da América remonta ao século XVII, quando comunidades judaicas portuguesas começaram a estabelecer-se nas colónias.

Estes primeiros imigrantes espalharam-se por todas as treze colónias em pequenas comunidades e em alguns assentamentos isolados de congregações portuguesas judaicas em Newport, Rhode Island, e Charleston na Carolina do Sul, tendo sido documentadas presenças de judeus portuguesas nas colónias originais. Documentos do estado de New England da época colonial fazem referência a judeus, portugueses, e baleiros portugueses.

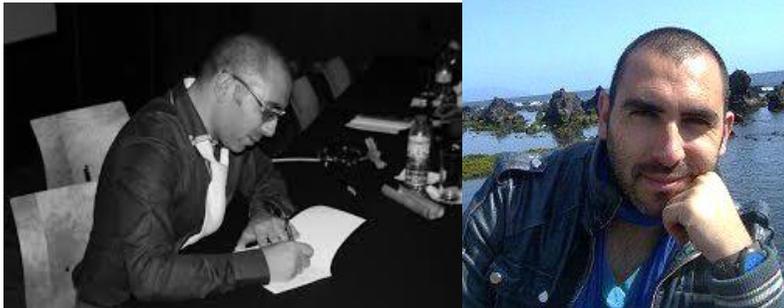
Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

Em meados do século XIX, os pioneiros e imigrantes portugueses estavam associados a diferentes atividades como a caça à baleia e a produção leiteira, vivendo em comunidades em diferentes estados como o Massachusetts e a Califórnia.

Esta comunicação pretende analisar as representações dos imigrantes de língua portuguesa nas coleções do Federal Writers' Project (1936-1940) e da Farmer Security Administration – Office of War Information Collection (1935-1944).

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

65. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL



Pedro Paulo Câmara, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Pós-Graduação em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação – Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.

É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.



SEIA 2014

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.

TEMA 3.1. VOANDO COM ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES EM BUSCA DE UM NÓS. PEDRO PAULO CÂMARA

Almeja-se realçar a Açorianidade, conceito delimitado e gravado para a posteridade por Vitorino Nemésio, enquanto identidade cultural e sociológica, e abordar esta temática, oferecendo-a como possível elemento distintivo da produção literária regional, em relação à restante literatura de produção nacional.

Neste contexto, e sendo Armando Côrtes-Rodrigues um dos nomes incontornáveis no panorama literário açoriano, pretende-se refletir, através do seu espólio literário, tendo por amostra a peça de teatro “O Milhafre”, este modo particular de vivenciar a ilha e todos os sentimentos inerentes ao ser insular, e a forma como estes são traduzidos nos documentos escritos.

Aspetos como a ilha, como fator geográfico concreto e confinante ou como ninho seguro; o mar como espaço de abertura ao resto do mundo ou como barreira natural; a vontade de partir e a ânsia de voltar às suas raízes; bem como a religiosidade intrínseca a este povo, serão exploradas nas palavras que Armando Côrtes-Rodrigues legou.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

66. RAUL LEAL GAIÃO, LISBOA, AICL



Seia 2014



MAIA 2013

Raul Leal Gaião

Mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa. Lecionou *Filosofia e Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior.

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014). Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

TEMA - CACHI-BACHI – APROXIMAÇÕES DO CRIOULO DE MACAU E REGIONALISMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. RAUL LEAL GAIÃO

Ao pretendermos elaborar um glossário / dicionário do crioulo de Macau, tendo como corpus a escrita crioula de Adé, constatámos uma aproximação de alguns vocábulos do crioulo de Macau às formas populares da língua portuguesa. Por exemplo, Batalha no seu Glossário do Dialeto Macaense refere que o termo cachi-bachi (que apresenta como cachivachi) é desconhecido, não sendo “certamente chinês”. Fomos encontrá-lo na zona raiana da Serra das Mesas (Sabugal) com o sentido de “coisa inútil, sem préstimo”, alargando-se mesmo a pessoas, sentido próximo do crioulo. A partir deste exemplo, procedemos ao levantamento de termos do crioulo de Macau que apresentam uma aproximação às formas populares da língua portuguesa, bem com alguns exemplos da origem diversificada do crioulo.

**É SÓCIO DA AICL
MODERA SESSÕES**

**PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011,
17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM
SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015**

67. ROLF KEMMLER, UTAD VILA REAL, ALEMANHA E AICL

Rolf Kemmler, Natural de Reutlingen (Alemanha) é professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real) e membro permanente do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014, é Doutoramento em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A *Academia Orthográfica Portuguesa* na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007. Formou-se como Mestre (MA) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da LUSOFONIA.

É sócio de um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, entre as quais é de destacar o Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), o Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores), da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza).

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.



BRAGANÇA 2010

MACAU 2011

Moínhos 2014



Graciosa 2015

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

**PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2013-2015 E 2015-2017
FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.**

MODERA SESSÕES.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO, 22º SEIA 2014, 23º NO FUNDÃO 2015 E 24º NA ILHA GRACIOSA 2015.

TEMA OS AÇORES NA NATURAL HISTORY OF THE AZORES OR WESTERN ISLANDS (1870) DO NATURALISTA BRITÂNICO FREDERICK DU CANE GODMAN (1834-1919). ROLF KEMMLER (VILA REAL) *

Tendo passado pela primeira vez pelo arquipélago em agosto de 1861, quando se encontrava de viagem para as Caraíbas, o aristocrata inglês Frederick Du Cane Godman resolveu desde logo que queria voltar aos Açores para realizar estudos naturalistas no arquipélago.

Foi assim, na companhia inicial do irmão do naturalista, o militar Richard Temple Godman (1832-1912), que a viagem de estudo da fauna e flora açorianas teve o seu início no dia 9 de março de 1865 com o embarque no porto inglês de Southampton.

Depois da chegada a Ponta Delgada em 21 de março do mesmo ano, o naturalista permaneceu no arquipélago durante cerca de três meses (Goodman 1866: 109).

Uma vez que a *Natural History of the Azores or Western Islands* constitui na sua essência um primeiro levantamento dos elementos que o autor identificava na flora e fauna açorianas, parece evidente que as observações tecidas pelo autor sobre o povo açoriano e as suas circunstâncias de vida não podem deixar de ser meramente ocasionais.

Apesar da natureza pouco sistemática das observações de Godman, pretendemos oferecer um breve estudo de como este autor inglês encarava a realidade açoriana na segunda metade do século XIX.

68. TIAGO ANACLETO-MATIAS, PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS E AICL



GALIZA 2012

GALIZA 2012

TIAGO ANACLETO-MATIAS é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).

As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil. Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



GALIZA 2012

Moinhos 2014

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL
É SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL
MODERA SESSÕES
PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 1º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014.

69. VÂNIA REGO, UNIVERSIDADE BLAISE PASCAL, CLERMONT, FRANÇA, E AICL

Vânia Rego: Leitora de português da cátedra Sá de Miranda do Camões Instituto da Cooperação e da Língua na Universidade Blaise Pascal em Clermont-Ferrand na França. Dedicou-se ao estudo de autores portugueses dos séculos XX e XXI e em particular à obra de José Luís Peixoto. Concluiu o seu doutoramento em cotutela na Universidade de Poitiers e na Universidade do Minho em 2015, com o tema *La mise en scène du Je dans l'oeuvre de José Luís Peixoto: problématiques de l'écriture de soi*.

Para consultar os trabalhos publicados:

<https://univ-bpclermont.academia.edu/V%C3%A2niaREGO>

TEMA 2.7 TRADIÇÕES E CONTRADIÇÕES: O RETRATO DE PORTUGAL NA PROSA DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO, VÂNIA REGO

Lê-se amiúde que a literatura contemporânea se afunda em divagações narcisistas ou se perde em tentativas vãs de cosmopolitismo. No entanto, os estudos sobre a escrita contemporânea já demonstraram o quanto a escrita de si pode ser uma escrita do Outro, algo que tende para o universal. Ao buscar a compreensão do eu no tempo e no espaço, o autor acaba por enunciar o que há de essencial numa certa comunidade regional, nacional e até mesmo universal. Destarte, a escrita do eu transforma-se numa escrita do nós.

É nesta perspectiva que analisaremos os romances *Livro* (2010), *Galveias* (2014) e a novela *Em teu ventre* (2015). Destacando-se de outros autores da sua geração, a prosa de José Luís Peixoto ecoa a voz de um país profundo, cheio de tradições e de

contradições. É esse país que se delinea através das três narrativas citadas e que se conta nas entrelinhas das ficções do autor. Ao trazer para a cena literária a voz profunda do seu país natal, Peixoto cria uma espécie de autobiografia de Portugal e dos portugueses.

73



BRAGANÇA 2010



S. Miguel 2010

É SÓCIA DA AICL
JÁ TOMOU PARTE NO 13º COLÓQUIO NO BRASIL EM 2010, NO 14º COLÓQUIO BRAGANÇA 2010

70. ESCOLA DE MÚSICA TRADICIONAL DO LAROUÇO.
VÃO ATUAR PELA PRIMEIRA VEZ NOS COLÓQUIOS

71. GRUPO DE TEATRO DA UTAD (TAP) - GRUPO DE MISSÃO PARA A CULTURA

Representam a peça de teatro *Quem Escreveu «As Histórias De Hakim»* de Álvaro Oliveira - homenagem a Norberto Ávila

Programa com sinopses e biodados do 25º colóquio da lusofonia, Montalegre abril 2016



VÃO ATUAR PELA PRIMEIRA VEZ NOS COLÓQUIOS

72. GRUPO TERRA MORENA, GALIZA

Este grupo galego de Ourense atua pela primeira vez nos Colóquios para cantar abril e Zeca Afonso no 42º aniversário do 25 de abril, graças ao patrocínio da AGLP que patrocinou a sua deslocação e estadia.

Terra Morena é um grupo galego da cidade de Ourense que, desde o ano 1997, vem oferecendo atuações musicais baseadas na obra do cantor português José “Zeca” Afonso.

O objetivo do grupo é prestar homenagem a este genial artista e divulgar a sua obra por terras galegas.

O Zeca Afonso visitou a Galiza em diferentes ocasiões, cantando em Ourense, Lugo e Santiago de Compostela e manifestou publicamente o seu profundo amor e solidariedade com esta terra: “Galiza é a minha pátria espiritual”, chegou a dizer.

Em 10 de maio de 1972, num concerto celebrado em Santiago de Compostela, José Afonso interpretou por vez primeira “Grândola Vila Morena”, a canção que dois anos depois se iria converter no símbolo da Revolução dos Cravos.

Terra Morena está formado por Xico Paradelo (voz e bombo); Bernardo Marques (voz, viola, acordeão, harmónica) e Heitor Real (voz, viola eléctrica, baixo electroacústico). O grupo tem atuado em diferentes locais da Galiza e também no norte de Portugal.

VÃO ATUAR PELA PRIMEIRA VEZ NOS COLÓQUIOS



ISBN: 978-989-8607-07-2